



ISSN 1984-5634

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR*

JOSÉ DOS SANTOS COSTA JÚNIOR**
ALAN CRHISTIAN QUADROS ALVÃO***

A entrevista que ora se apresenta é resultado de dois momentos em que houve conversas com o professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Ambas ocorreram de forma remota, mas em duas circunstâncias distintas.

A primeira entrevista ocorreu no dia 27 de agosto de 2021 com transmissão ao vivo por meio da plataforma digital Instagram.¹ Ali, a entrevista se inseria na série *Leituras de Michel Foucault*, cujo objetivo foi visibilizar as pesquisas desenvolvidas no Brasil a partir da interlocução crítica e criativa com o pensamento do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), tendo sido conduzida por José dos Santos Costa Júnior. Naquela série houve entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores, professoras e professores, de diferentes gerações e regiões do país, articulados a diferentes instituições e linhas de pesquisa nos Estudos Foucaultianos, a saber: Nilda Câmara de Araújo (UFCEG), Telma Dias Fernandes (UFPB), Rosa Bueno Fischer (UFRGS), Priscila Cupello (UFRJ), Maurício Pellegrini (UNICAMP) e Céli Pinto (UFRGS).

A segunda entrevista com Durval Muniz ocorreu no dia 6 de setembro de 2022. Após a realização da primeira entrevista e a sua transcrição por Alan Crhistian Quadros Alvão, o material foi submetido para publicação na revista *Aedos*, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na ocasião houve o convite do

* JSCJ: Roteiro e Pesquisa; ACQA: Roteiro, pesquisa e transcrição.

** Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é Professor Substituto no Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). ORCID iD: 0000-0002-0629-3217. E-mail: joseossantoscostajr@gmail.com

*** Licenciado em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará. Doutorando em Educação em Ciências na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela UFRGS. Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. ORCID iD: 0000-0001-7815-3363. E-mail: alanquadrosalvao@gmail.com

1 A gravação original da entrevista está disponível em <<https://doi.org/10.5281/zenodo.7616409>> e <<https://doi.org/10.5281/zenodo.7615853>>. Acesso em: 24 abr 2023.

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

SUBMETIDO: 31.01.2023

ACEITO: 13.02.2023

COMO CITAR:

COSTA JÚNIOR, J. S.; ALVÃO, A. C. Q. Entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior. *Aedos*, v. 15, n. 33, p. 58-99, jan.–jun., 2023.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

então editor-chefe do periódico, Lúcio Geller, para que ao invés de ser feita a publicação da entrevista isolada, fosse elaborado um número especial para a seção “Acordes”, dedicada à história da historiografia e que presta homenagens aos profissionais da nossa área. A partir disso foi iniciado um processo no qual a segunda entrevista se fez necessária para recobrir outros aspectos, tempos e temas da trajetória do professor Durval.

JOSÉ JÚNIOR: *Então Durval, como se trata aqui de pensar a tua trajetória, os teus encontros ao longo desses anos todos, eu não poderia começar, aqui com Alan, de outra forma, se não fosse pedindo para você contar um pouco sobre quando foi que começou o seu interesse pela história, vendo isso como uma atuação profissional. Quais foram as referências? Quais foram as leituras que te levaram a escolher por isso e entrar, no final dos anos 1970, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)? E, junto disso, você falar um pouquinho dessa experiência inicial de formação profissional na UEPB.*

DURVAL MUNIZ: Veja, vai parecer mito de origem, mas na verdade eu sabia há bastante tempo que eu seria professor, porque eu tive uma mãe professora. Aos nove anos de idade a minha mãe engravidou, uma gravidez de risco, aos 42 anos. Ela dava aula à minha irmã porque, assim como eu, minha irmã fez até o quarto ano do ensino fundamental, o antigo curso primário, em casa, porque não havia escola onde morávamos. Então eu que tinha acabado de cursar a quarta série, fui encarregado, pela minha mãe, que estava acamada por causa da gravidez de risco, de continuar ensinando a minha irmã. E eu dei aula a minha irmã durante vários meses. E aí eu descobri que adorava ser professor. Eu descobri que queria ser professor. Então, aos nove anos de idade, eu praticamente decidi o que seria na vida. Eu seria professor, só não sabia de quê. Eu gostava de português, eu gostava de história, eu gostava de geografia. Eu sabia que não ia ser professor de matemática, porque nunca me agradou. Eu poderia ser professor de várias coisas.

Quando entro no segundo grau, no Colégio Estadual da Prata, o Colégio Estadual José Américo de Almeida, em Campina Grande, tenho durante toda a minha trajetória uma professora de história chamada Martha Lúcia Ribeiro². Martha Lúcia, que também depois foi minha professora na atual UEPB, na antiga Universidade Regional do Nordeste, foi o motivo de eu me tornar historiador. Quer dizer, eu me encantei pela história nas aulas de Martha Lúcia. Quando eu fiz o meu terceiro ano do segundo grau, se comemorava os 25 anos do Colégio Estadual da Prata e nós tivemos um ano muito especial, com uma grade de ensino muito reforçada, porque havia toda uma ideia de que o colégio naquele ano deveria fazer muita gente aprovar no vestibular. E eu tive naquele ano quatro horas de história por semana com Martha Lúcia. O que reforçou ainda mais a minha paixão pela disciplina. Quem a conhece sabe que ela é uma professora apaixonante. Martha é uma grande professora de história. Vivíamos o final da ditadura, Martha fazia uma apresentação da história extremamente crítica, nas aulas, em grande medida, ela partia do que a gente sabia. Ela conversava com todos nós, ela levava a que cada um falasse, e eu me apaixonei pela história. E decidi fazer o curso.

Só que não havia naquele momento ainda, em Campina Grande, um curso de graduação em história. Nós tínhamos um curso de graduação em Estudos Sociais, porque ainda estávamos saindo da ditadura e a formação se dava em Estudos Sociais. E foi para isso que eu fiz o vestibular. Eu fiz o

² Martha Lúcia Ribeiro, historiadora e professora aposentada da UEPB.

vestibular para Estudos Sociais numa turma enorme, 60 vagas. Só que, logo no primeiro ano do curso, houve o resultado da campanha da Anpuh, da Associação Nacional de História, pelo fim dos Estudos Sociais e pela volta das graduações em história, geografia. E aí a UEPB extinguiu o curso de Estudos Sociais e criou as licenciaturas em história, geografia e, na época, OSPB (Organização Social e Política do Brasil), que era uma matéria que se ensinava no ensino médio durante a ditadura. A gente estudava Moral e Cívica no que se chamava ginásio na época e depois a gente estudava OSPB. E depois estudava EPB (Estudos de Problemas Brasileiros) na universidade. Todas, disciplinas de doutrinação ideológica.

E aí nós que estávamos em Estudos Sociais tivemos que fazer uma opção por um desses três cursos: licenciatura em história, licenciatura em geografia ou licenciatura em OSPB. Então eu fiz a opção pela história. Eu passei a cursar, então, a licenciatura em história já a partir do segundo ano da minha graduação e com um acréscimo de um número enorme de disciplinas. O currículo teve a adição de um número muito grande de disciplinas, mas eu conseguia cursar nove disciplinas por semestre. Era uma coisa incrível que hoje ninguém faz. Logo ao final do segundo semestre do curso eu já consegui um colégio para dar aula. Um colégio que se chamava Branca de Neve, um colégio que ficava no bairro da Liberdade, na mesma rua em que eu morava, a rua Martins Júnior. É uma rua que fica quase em frente ao antigo prédio da SANBRA³ e ali eu comecei. Eu comecei a dar aula, portanto, já no começo da minha graduação. Então, eu dou aula, inclusive com carteira assinada, desde os 17 anos de idade. Por isso eu me aposentei aos 57 anos, com 40 anos de sala de aula, porque dei aula desde os 17 anos. Logo no ano seguinte, no segundo ano, eu consegui uma vaga para o cursinho mais famoso da cidade na época, que era o Cursinho Campinense, que ficava entre o Capitólio e o Babilônia, os dois mais antigos cinemas da cidade. E aí eu comecei, quer dizer, em grande medida eu comecei a dar aula para as turmas mais avançadas, porque eu comecei a dar aula no pré-vestibular. Já comecei a dar aula para turmas em que a maioria dos alunos eram muito mais velhos do que eu. Dava aula para pessoas que tinham idades muito maiores do que a minha. Eu fui completar 18 anos no meio do ano de 1979 e já estava dando aula.

Então foi assim que eu entrei na Universidade Regional do Nordeste, atual UEPB, e por isso que eu fiz história. E, coincidentemente, Martha Lúcia foi minha professora na graduação e me ensinou, justamente, duas disciplinas que são definidoras da minha própria carreira: História do Nordeste e Teoria da História. Por isso que digo que Martha é a minha “guru intelectual”. Eu digo isso sempre para ela. Tive a oportunidade de homenagear as minhas três grandes professoras, modelos de docentes e de vida: Eliete Gurjão⁴, Josefa Gomes de Almeida⁵ e Martha Lúcia Ribeiro. Mas Martha foi minha professora de teoria da história, que é a minha área de especialização no ensino, e Martha foi a minha professora de história do Nordeste que é, em grande medida, a minha área de pesquisa ao longo da vida. Então, veja que é uma ligação meio astral de Martha com a minha carreira. E isso é verdade, ela foi a pessoa que me levou a decidir pela história como área de ensino, porque eu já havia me decidido há muito tempo que eu ia ser professor. Só não sabia de quê, aí soube quando Martha foi minha professora.

3 Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA). Para mais informações, ver o site Retalhos Históricos de Campina Grande, disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/sanbra.html#.Y87TXHbMKUk>. Acesso em 23 de jan. 2023.

4 Eliete de Queiroz Gurjão Silva, historiadora e professora aposentada da UEPB.

5 Josefa Gomes de Almeida e Silva, historiadora, professora da Universidade Regional do Nordeste (atualmente UEPB) e da Universidade Federal da Paraíba (Campus II – Campina Grande), autora da dissertação: Latifúndio e algodão em Campina Grande: modernização e miséria (UFPE, 1985).

ALAN ALVÃO: *Professor, seguindo nesse mesmo tema sobre a vida de estudante em que, inclusive, você já apresentou alguns nomes de professores e professoras que marcaram a sua trajetória nessa época, nós gostaríamos de saber um pouco sobre as suas memórias como estudante, como jovem pesquisador. Quais foram aqueles professores e professoras que de maneira enfática te marcaram? E por quê? Que impressões e sensações eles deixaram em você e na sua trajetória?*

DURVAL MUNIZ: Olha, nós vivíamos o momento da abertura política, um momento muito rico. Eu não só estudava como dava aula. Eu começava a semana na segunda-feira às sete horas da manhã e só parava na sexta às dez horas da noite. Quando não estava assistindo aula, eu estava dando aula. Eu só tinha o final de semana para fazer todos os trabalhos, estudar para avaliações e para preparar as aulas para os colégios em que eu ensinava. Eu não tinha outra vida a não ser isso. Sábado e domingo, eu ficava ouvindo música, que eu gosto de ouvir música e tenho concentração suficiente para a música não me atrapalhar em nada, então eu ficava ouvindo música e fazendo os trabalhos, lendo os textos, preparando as aulas da semana. Mas, mesmo assim, em muitas madrugadas, em muitas noites eu me envolvi no movimento estudantil, eu fiz parte de diretoria, inclusive, do DCE (Diretório Central dos Estudantes). Eu fiz parte de duas chapas, uma vez como secretário geral e outra vez como representante dos estudantes junto ao CONSUNI (Conselho Universitário). E, quantas vezes saímos de madrugada para pichar paredes, para fazer manifestações políticas. A gente quando é novo não precisa dormir muito, não precisa descansar muito. E eu tive uma vida estudantil muito intensa, de muito aprendizado, inclusive político. Por exemplo, participando dessa direção do DCE nós trouxemos Paulo Freire⁶ a Campina Grande, para uma conferência no Teatro Municipal. Paulo Freire recém-chegado do exílio. Nós trouxemos Dom Helder Câmara⁷ para um Clube do Trabalhador, absolutamente lotado para vê-lo falar. Nós tivemos experiências muito ricas.

Em 1980, tanto como estudante quanto como professor, eu participei da recolha de assinaturas para a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Eu sou um fundador do Partido dos Trabalhadores. Fiz parte do partido, fui filiado ao partido, fui candidato a vereador nas primeiras eleições. Tive 400 votos, dos meus alunos evidentemente. Fui até – pouca gente sabe disso – o locutor do primeiro comício de Luís Inácio Lula da Silva⁸ em Campina Grande. Um caminhão velho estacionado ao lado do Teatro Municipal, sem nenhuma gambiarra para iluminar, um escuro danado, Lula chega com uma camisa de listras horizontais pretas e brancas, que tinha dado uma encolhidinha, com a metade da barriga do lado de fora. Ele com um cheirinho de cachaça, de que tinha tomado alguma, e com aquele carisma assustador. Tinha talvez umas 200 pessoas, ali, no escuro, e ele falou horas, fez um discurso enorme. Falou com entusiasmo que parecia que ele tinha uma multidão à sua frente. Então, eu vivi experiências incríveis como estudante e ao mesmo tempo como professor, porque eu fui durante toda a minha graduação ao mesmo tempo estudante e professor.

As pessoas que me marcaram como professoras e como intelectuais, foi a professora Josefa Gomes de Almeida e Silva, simplesmente uma filha de um varredor de rua e de uma lavadeira da cidade de Patos. Chegou a Campina Grande para trabalhar como empregada doméstica, e mesmo

⁶ Paulo Freire (1921-1997), professor e patrono da educação brasileira.

⁷ Dom Helder Câmara (1909-1999), arcebispo emérito de Olinda e Recife.

⁸ Luís Inácio Lula da Silva (1945-), político e fundador do Partido dos Trabalhadores. atual presidente da República Federativa do Brasil.

assim estudou e chegou à Universidade e a ter um mestrado. Foi a minha professora de história da América, de todas as Américas, foi professora de história da Paraíba e, acima de tudo, um exemplo de vida. Dona Zefinha era um exemplo de vida. Ela tinha uma das maiores bibliotecas da cidade, que frequentei muito. Frequentei a sua casa, me tornei mais do que aluno. Ela me tratava como se eu fosse um filho. A ajudei muito na redação da dissertação e frequentei aquela biblioteca fantástica... Eu não sei qual é o paradeiro dela, mas ela é uma biblioteca que deveria ser adquirida por alguma universidade, porque era excepcional para a época.

E a professora Eliete Gurjão que foi a minha professora de história do Brasil. Uma pessoa que tem livros publicados no campo da história da Paraíba, que fez também uma dissertação de mestrado em Sociologia Rural, mas com temática histórica. Eliete, inclusive, lançou recentemente um livro, mora aqui em João Pessoa. E a professora Martha Lúcia Ribeiro que, sem dúvida, foi a minha grande referência. A professora de teoria da história, a professora de história do Nordeste, professora de Introdução à História. Uma pessoa que me marcou bastante, inclusive politicamente. Eu vi falar de marxismo ainda no segundo grau com Martha Lúcia, como minha professora de história, e também com a Joana, uma professora de sociologia que a gente tinha. Joana que, inclusive, me emprestou o livro do Fernando Morais *A ilha*⁹.

O livro de Fernando Morais sobre Cuba, todo enrolado num papel pardo, porque era proibido ter esses livros, era perigoso ter esses livros na época da ditadura militar. Eu me lembro que levei esse livro para casa e ele gerou uma das primeiras brigas ideológicas entre mim e minha mãe. Minha mãe, que era a minha grande referência na vida, porque não só foi minha mãe como foi, também, minha professora. Foi a professora que me introduziu no mundo das letras. Minha mãe ficou assustadíssima com aquele livro comunista, e queria saber quem é que estava me influenciando. Ao entrar na universidade comecei a me tornar comunista e me distanciei da Igreja Católica, me distanciei da religião. Minha mãe era extremamente religiosa assim como o meu pai, e minha formação política se deve também à Igreja Católica. A minha formação política se deve à Teologia da Libertação.

Eu me formei politicamente participando de grupos de jovens da Igreja Católica. Eu cantei em coral de igreja, sempre gostei de me mostrar né, de estar lá na frente, sempre gostei da visibilidade que o coral dava. E gostava das discussões todas. Tive grande proximidade com os chamados padres redentoristas que, em Campina Grande, tiveram um papel muito importante na politização de muitas pessoas. Campina Grande era muito diferente nessa época, não era essa cidade de direita, bolsonarista que é hoje. Foi, justamente, o crescimento do número de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais na cidade, que fez com que a cidade tenha tido essa mudança tão grande do ponto de vista político. Em minha juventude, pelo contrário, Campina Grande contava com uma grande presença da Igreja Católica progressista, porque o bispo de Campina Grande, Dom Gonzaga Fernandes, que tinha sido o criador das CEBs [Comunidades Eclesiais de Base] na cidade de Vitória, no Espírito Santo, quando ele foi bispo de lá. Ele veio, então, para ser bispo de Campina Grande e a Igreja tinha uma tonalidade política muito à esquerda. Aqueles anos 1970, começo dos anos 1980, é um momento de grande migração campo/cidade. Campina Grande recebe uma quantidade muito grande de migrantes pobres, surgem várias questões sociais, ocorrem várias invasões de terrenos públicos e privados, dando origem a favelas como as do Pedregal, da Ramadinha e, a Igreja Católica, teve um papel muito grande nesses

⁹ MORAIS, Fernando. *A Ilha*: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

movimentos de luta pelo solo urbano na cidade. E eu participei muito disso ao lado, justamente, da Igreja. Eu fiz parte da pastoral universitária, fiz parte de grupos de jovens. Eu me afastei, justamente, quando entro na universidade e não tenho tempo mais para nada. Eu não tenho mais tempo para essa militância, da qual participo muito quando estou ainda no ensino médio. No ensino médio é que eu tenho essa atuação no interior da Igreja, aí vivi minha adolescência. A minha politização se dá com essas experiências, e ela se amplia na universidade. Porque, na verdade, eu me afasto da religião e vou, justamente, para a militância partidária. Chega um momento em que eu participo de reuniões do Partido dos Trabalhadores. Participei de todo o processo de fundação dos primeiros anos do partido em Campina Grande.

JOSÉ JÚNIOR: *Então fica bem claro, Durval, os teus pertencimentos tanto em termos ideológicos, em termos políticos, e as relações de amizade que tu vais construindo. Você vai construindo os seus espaços, suas formas de vida, sua forma de sobrevivência e sua inserção profissional, e é importante lembrar que uma boa parte da sua formação intelectual aconteceu em São Paulo. Porque você foi fazer o seu mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas [UNICAMP]. Então, para você que acabou se tornando um historiador dos espaços e que ajudou também a configurar esse campo de pesquisa na historiografia, eu queria que você falasse um pouquinho sobre como é que foi esse trânsito, desse espaço de Campina [Grande] com essas amizades e pertencimentos, para uma outra região, para criar outras amizades e criar outras estratégias para você. Como foi essa chegada em São Paulo, os impactos e efeitos ao longo do mestrado e doutorado? E, uma coisa importante também, por que você escolheu ir para Campinas naquele momento?*

DURVAL MUNIZ: Quando eu acabei a graduação, eu quis imediatamente ir para a pós-graduação. Por isso, inclusive, eu optei por não fazer concurso, por exemplo, para ensinar nos colégios do estado. Eu era professor de vários colégios privados na cidade e eu nunca tentei entrar na rede pública porque a rede pública, naquela época, colocava muitos obstáculos para se liberar para fazer uma pós-graduação. E quando eu terminei a graduação, imediatamente optei por fazer pós-graduação. No Nordeste, a gente só tinha uma opção que era Pernambuco. E em Pernambuco era um curso extremamente conservador politicamente, era um curso que estava sob o controle de Armando Souto Maior¹⁰, um historiador extremamente conservador, um historiador que foi muito ligado à ditadura militar e, inclusive, foi responsável pela perseguição política de alguns dos meus ex-professores. Eu fui aluno do professor Waldomiro Cavalcante¹¹ que tinha sido aposentado compulsoriamente da Universidade Federal de Pernambuco por perseguição do professor Armando. E ele foi meu professor, o Waldomiro, um professor encantador, um professor que depois vai se tornar uma pessoa bastante problemática do ponto de vista político quando se torna meu colega na Universidade Federal da Paraíba [UFPB], mas ele era um professor encantador em sala de aula, muito engraçado e muito irônico. Assim, eu sabia dessa história e, portanto, não optei por Pernambuco. Então qual era a opção que eu tinha? São Paulo, porque eu tinha família em São Paulo, eu sou filho de uma mãe paulista e, portanto, eu tinha familiares em São

¹⁰ Armando de Albuquerque Souto Maior (1926-2006), historiador e professor universitário. Perfil disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/?p=19991>. Acesso em 23 de jan. 2023.

¹¹ Waldomiro Cavalcanti da Silva, professor afastado compulsoriamente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) entre 1981 e 1982. Cf. VERAS, Dimas Brasileiro. **Palácios cariados**: a elite universitária e a ditadura militar – o caso da Universidade Federal de Pernambuco (1964 – 1975). 414 f. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.

Paulo. E em São Paulo tinha duas opções: a Universidade de São Paulo, na capital, ou a Unicamp, em Campinas. Eu tinha parentes tanto em São Paulo capital quanto em Campinas.

Por que eu optei pela Unicamp? Porque em 1978, pouco antes de eu começar a minha graduação, é publicado o livro *O silêncio dos vencidos*¹² de Edgar de Decca¹³ que me é apresentado por Martha Lúcia. Mais uma vez Martha Lúcia! Ela me apresenta *O silêncio dos vencidos* que me encanta enormemente. Sem saber, eu estava lendo o primeiro livro foucaultiano do Brasil, da historiografia brasileira. Porque *O silêncio dos vencidos*, embora nele Edgar esconda Foucault, é uma tese, é a tese de doutorado dele, influenciada por um curso que ele fez na USP com Foucault no começo dos anos 1970. Foucault veio algumas vezes ao Brasil e em uma das vezes Foucault dá um curso na USP e o Edgar de Decca, assim como o Carlos Alberto Vesentini¹⁴ que também vai fazer uma tese chamada *A teia do fato*, claramente inspirada por Foucault, mas que vai ser publicada muito depois.¹⁵ Porque o Carlos Alberto Vesentini é um dos nossos primeiros colegas vítimas da AIDS no Brasil e ele morre muito precocemente e a tese dele fica sem publicação durante muito tempo. A tese [de Edgar de Decca] é publicada, *O silêncio dos vencidos* e eu fico absolutamente encantado com a obra, com o raciocínio da obra que era completamente diferente. Porque ali não se tratava de resolver um problema, mas se tratava de pensar como historicamente alguma coisa se tornou problema e isso era uma coisa completamente diferente para mim. Porque *O silêncio dos vencidos*, ao contrário do que dizia o prefácio da Marilena Chauí,¹⁶ não se tratava de dar voz aos vencidos, mas, se tratava de fazer a história de um silêncio, que é tipicamente um raciocínio foucaultiano. Ou seja, como é que o Bloco Operário e Camponês, que participou do movimento de 1930, foi silenciado na memória do movimento? Quer dizer, como as versões vitoriosas sobre 1930 silenciaram sobre a participação do Bloco Operário e Camponês e sobre a possível revolução na versão do BOC? Ou seja, isso significa que 1930 teria sido outra coisa se o BOC tivesse hegemonizado o movimento e não os tenentistas, e não Getúlio Vargas, os aliancistas, a Aliança Liberal.

Ou seja, qual era o raciocínio da obra? Como é que um evento histórico é montado, posteriormente? Como é elaborado discursivamente depois dele ter acontecido? Ou seja, eu estava acostumado a uma história dos eventos, agora eu estava lendo uma história de como a História conta os eventos e monta os eventos, elabora uma versão dos eventos. Isso é um raciocínio completamente foucaultiano que é atribuído pela Marilena Chauí e pelo próprio Edgar a Walter Benjamin,¹⁷ mas não tem nada de Walter Benjamin ali. Os conceitos são foucaultianos, leiam *O silêncio dos vencidos*, vai estar lá *enunciado, formação discursiva, poder, saber*, os conceitos foucaultianos vão estar lá. Mas, possivelmente, se você explicitasse a presença de Foucault talvez o trabalho não fosse aprovado pela banca. Muito mais tarde eu fui aluno do Edgar no doutorado e pude questionar ele. E ele foi sincero e disse: *não, o trabalho é uma inspiração foucaultiana, só que eu não podia explicitar isso naquele momento.*

12 DECCA, Edgar Salvadori de. 1930: O silêncio dos Vencidos. 1ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

13 Edgar Salvadori de Decca (1946-2016), foi professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

14 Carlos Alberto Vesentini (1947-1990), foi professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP).

15 VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato**: uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: Hucitec, 1997.

16 Marilena de Souza Chauí (1941-), filósofa e professora da Universidade de São Paulo (USP).

17 Walter Benjamin (1892-1940), filósofo judeu alemão.

Veja, eu vou para Campinas para estudar com Edgar, eu vou para Campinas porque eu queria ser aluno daquele professor. Tinha, inclusive, a expectativa de ser orientando dele. A gente não vivia na época da Internet. Eu então escrevo para o departamento, solicito o prospecto do programa, era um livrinho descrevendo as linhas de pesquisa, o que a gente tinha que estudar, o que a gente tinha que ler para as provas e aí eles me mandam e eu começo a estudar. Eu não tinha tido tempo de ter nenhuma formação em língua estrangeira, dando aula e estudando eu não tive tempo e teria que fazer uma prova de proficiência em línguas. Então eu fui até a Cultura Francesa, comprei deles a apostila que eles utilizavam, o livrão de francês e fui estudar língua francesa. Ao mesmo tempo, fui ler a bibliografia da área, da linha de pesquisa que eu escolhi que se chamava *Capitalismo e Agricultura*. Porque a minha proposta de pesquisa era estudar alguns movimentos camponeses ocorridos na Paraíba nos anos 1970, notadamente os conflitos de Alagamar e Piacas.¹⁸ Conflitos nos quais a Igreja Católica teve um importante papel. A Paraíba tinha como Arcebispo Dom José Maria Pires,¹⁹ Dom Pelé, um bispo negro, de esquerda e que teve uma importância enorme no apoio aos camponeses nesses conflitos que vão explodir na Zona da Mata, no momento em que se vive um novo ciclo de expansão da cana de açúcar e no qual a produção da cana de açúcar começa a expulsar os moradores, que viviam nas terras periféricas dos latifúndios canavieiros, nas áreas ainda não plantadas de cana de açúcar. A produção da cana vive mais uma expansão e as pessoas são expulsas das terras, e aí há toda uma luta dos camponeses pela conquista da terra. E eu me proponho a estudar esses movimentos camponeses. E por isso eu escolhi a linha *Capitalismo e Agricultura*.

Diante da perplexidade da minha família paulista, que não acreditava de forma nenhuma que alguém que tinha feito uma graduação na Paraíba conseguiria passar em uma seleção na Unicamp. E para a perplexidade de todos, não só passei como fui o segundo colocado na seleção e tive direito à bolsa e, portanto, abandonei todos os meus empregos em Campina Grande e fui morar na casa de um tio em Campinas, tio Jobber no Jardim Eulina, e cursar o mestrado. Um outro universo, uma universidade excepcional, a Unicamp, com bibliotecas maravilhosas e com discussões de alto nível. Por exemplo, eu tinha feito toda uma graduação marxista sem nunca ler Marx,²⁰ porque quando eu fiz a graduação a publicação de Marx no Brasil, ainda era proibida. Não havia em circulação os livros de Marx. Então, o que eu li na graduação? Eu li toda a Escola de Sociologia Paulista, eu tinha uma formação muito mais sociológica do que historiográfica. Eu li Florestan Fernandes,²¹ Fernando Henrique Cardoso,²²

18 Referência aos conflitos pela terra ocorridos na Paraíba entre os anos 1970 e 1980. “A comunidade de Alagamar, propriedade rural formada pelos sítios Teju, Salomão, Urna, Momboca, Saco, Serra de São José, Sapocaia, Furna dos Caboclos, Cavalão Morto, Piacas, Maria de Melo e Caipora, com cerca de 13.000 hectares, localizada entre os municípios de Salgado de São Félix e Itabaiana, no Agreste da Paraíba, viveu um dos conflitos agrários de maior repercussão no estado e no país no final da década de 1970”. Os trabalhadores rurais desta localidade pagavam o foro e sobreviviam da agricultura até que em 1975 o dono das terras, o fazendeiro Arnaldo Maroja, faleceu. Como ele não era casado e nem tinha filhos, a “grande Alagamar” passou a ser dividida para quarenta e dois herdeiros, mas com a promessa de que a situação dos trabalhadores permaneceria a mesma, o que não houve. O embate entre fazendeiros e agricultores foi iniciado quando os proprietários passaram a cobrar o foro sem emitir nenhum tipo de recibo ou comprovação desse pagamento. Tal episódio contou com uma série de manobras jurídicas e políticas, assim como com a resistência de grupos organizados pela defesa da reforma agrária e setores da Igreja Católica como a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Para uma análise desse conflito acerca da estrutura fundiária na Paraíba a partir da sua repercussão na imprensa, cf. SILVA, Lidiane Maria da. *Comunicação na luta de Alagamar (1975-1980): do boca à boca às manchetes dos jornais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo). Departamento de Comunicação da Universidade Estadual da Paraíba, 2010, p. 9.

19 Dom José Maria Pires (1919-2017), foi bispo de Araçuaí (MG).

20 Karl Marx (1818-1883), filósofo e economista alemão.

21 Florestan Fernandes (1920-1995), sociólogo brasileiro.

22 Fernando Henrique Cardoso (1931-), sociólogo brasileiro e ex-presidente da República.

Francisco Weffort,²³ eu li toda essa Escola de Sociologia Paulista. Li Caio Prado Júnior,²⁴ evidentemente, o pai do marxismo na historiografia brasileira... Li Nelson Werneck Sodré,²⁵ Leôncio Basbaum.²⁶ Essa bibliografia toda marxista. Era engraçadíssimo, por exemplo, que a minha professora de história do Brasil, a professora Maria da Paz, que era uma professora extremamente conservadora do ponto de vista moral e do ponto de vista político, dava o seu curso, apoiada nos livros de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré. Eu acho que ela não sabia que os livros eram marxistas e isso era a nossa sorte. Ela não conseguia saber que ela estava nos ensinando com dois livros marxistas e isso nos favoreceu enormemente. Aí quando eu chego na Unicamp tenho a oportunidade de ler Marx. Eu tenho um curso em que eu leio *O capital*²⁷ inteiro, leio os “Grundrisse”²⁸, então assim, efetivamente eu passo a conhecer o marxismo, a ler Marx. Infelizmente eu não tive aulas com o professor Edgar nesse momento, porque ele não fazia parte da linha “Capitalismo e Agricultura”. Inicialmente eu sou orientando do professor Peter Eisenberg²⁹ que é um brasilianista, porque ele estudou o campo no Nordeste, porque ele tinha escrito o livro *A modernização sem mudança*,³⁰ que é a tese dele sobre a produção canavieira no Nordeste. E como eu estava trabalhando com essa realidade vou ser orientando dele, só que infelizmente o professor Peter Eisenberg morre. E aí vem para o lugar dele o professor Robert Slenes,³¹ outro americano, outro brasilianista que estava na Universidade Federal Fluminense e que vem para a Unicamp e herda as orientações do professor Peter Eisenberg. E é assim que eu me torno orientando do professor Robert Slenes. Uma sorte, porque o professor Robert Slenes se mostra um orientador extremamente cuidadoso, competente, uma pessoa muito agradável, muito simpática e, sobretudo, uma pessoa aberta, uma pessoa que me deixa, em grande medida, fazer o que eu quero fazer, a ponto de me permitir abandonar o meu projeto original, o meu projeto de fazer uma história dos conflitos sociais na Paraíba que, na verdade, era um tema muito mais sociológico do que historiográfico, por causa da formação muito mais sociológica e econômica que tive na graduação. Por exemplo, eu li Francisco de Oliveira,³² eu li Celso Furtado,³³ li grandes economistas. Então, isso influenciava, inclusive, a minha forma de escrever. Quando eu mandei o primeiro capítulo que escrevi da dissertação para o professor Robert Slenes, que estava nos Estados Unidos na época – o professor Robert Slenes, para quem não sabe, ele tem um doutorado em literatura latinoamericana, então é alguém que escreve lindamente e que tem

23 Francisco Weffort (1937-2021), cientista político e escritor brasileiro.

24 Caio Prado Júnior (1907-1990), sociólogo brasileiro.

25 Nelson Werneck Sodré (1911-1999), professor e historiador brasileiro.

26 Leôncio Basbaum (1907-1969), médico e escritor brasileiro.

27 MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I:** o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017; KARL, Marx. **O capital: crítica da economia política: livro II:** o processo de circulação do capital. Edição de Friedrich Engels. Tradução e seleção de textos extras: Rubens Enderle. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014; KARL, Marx. **O capital: crítica da economia política: livro III:** o processo global de produção capitalista. Tradução de Rubens Enderle. Edição de Friedrich Engels. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

28 Cf. MARX, Karl. **Grundrisse:** manuscritos econômicos de 1857-1858 – esboço da crítica da economia política. Tradução: Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo/Editora UFRJ, 2011.

29 Peter Eisenberg (1940-1988), historiador estadunidense e professor da Unicamp.

30 EISENBERG, Peter. **Modernização sem mudança:** a indústria açucareira em Pernambuco: 1840-1910. Tradução de João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

31 Robert Slenes, historiador e professor da Unicamp.

32 Francisco de Oliveira (1933-2019), sociólogo brasileiro.

33 Celso Furtado (1920-2004), economista brasileiro nascido na Paraíba.

um domínio da Língua Portuguesa melhor do que a minha – ele corrigia o meu português. E quando ele recebe o meu primeiro capítulo, ele fez uma crítica que foi decisiva em toda a minha carreira, ele disse: *Você não escreve como historiador, você escreve como sociólogo e economista*. Isso foi fundamental para que eu mudasse a minha forma de escrever, o que eu ainda não consegui na dissertação, por isso eu nunca a publiquei. Não é porque eu não goste dela, ou ainda não ache importantes as reflexões que eu faço na dissertação, é que eu não gosto da dissertação do ponto de vista da escrita, do ponto de vista literário. Ela não representa o que eu me tornei, depois, na escrita. Então, eu fiz um resumo das ideias dela num artigo que publiquei na Revista Brasileira de História, número 28.³⁴ Eu resumo a tese da dissertação que se chamou *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema a solução (1877 a 1922)*.³⁵ E aí na Unicamp onde realmente, numa disciplina chamada historiografia brasileira, em que não se lia um autor brasileiro, disciplina ministrada pelo professor Ítalo Tronca³⁶, eu tive os encontros decisivos para toda a mudança que experimentei, inclusive no meu modo de escrever, as leituras de Edward Palmer Thompson³⁷ e de Michel Foucault.³⁸ Foi nessa disciplina que li os dois autores que, na época, eram a base de produção de grande parte dos trabalhos na Unicamp. A minha geração na Unicamp articulava Foucault e Thompson, uma coisa que quando eu volto para cursar o doutorado tornara-se impossível. Thompson e Foucault já são inimigos, não podem mais dialogar. São os foucaultianos de um lado e os historiadores sociais thompsonianos do outro, ou seja, as relações internas no departamento são outras. Porque, na verdade, a articulação Thompson e Foucault foi estratégica, em dado momento, para se contrapor aos chamados velhos marxistas, para se contrapor ao marxismo mais estruturalista, ao marxismo mais economicista, aquele marxismo da separação entre base e superestrutura que Thompson critica.

Thompson ainda não havia sido traduzido para o português. A gente lia Thompson numa versão da publicação espanhola, dos seus textos em espanhol, uma versão que circulava para *xerox*, era *xerox* da *xerox* da *xerox* que a gente lia. E o primeiro livro que eu li de Michel Foucault, *História da loucura*,³⁹ me impactou enormemente. Me impactou não apenas pela temática, eu nunca imaginei que a loucura pudesse ter história, então isso me impactou muito. Mas o que me impactou mesmo foi o texto, o estilo, a beleza do texto. Eu pensei comigo, quer dizer que se pode escrever história assim? Eu fiquei absolutamente fascinado pela escrita arrebatedora que Foucault tem. Uma escrita ao mesmo tempo crítica, irônica e extremamente competente do ponto de vista da argumentação e marcada pela construção de belíssimas figuras. Michel Foucault é um dos grandes estilistas franceses do século XX, é um dos grandes escritores do século XX. Um autor que tem uma capacidade enorme de criar belíssimas imagens. Um texto que me arrebatou, que absolutamente me conquistou. Thompson também é uma pessoa que escreve muito bem, também me mostrou um marxismo completamente

34 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, p. 111-120, 1995.

35 Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 1988. Disponível no repositório digital: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/17925>.

36 Ítalo Arnaldo Tronca foi professor livre-docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faleceu em 2015.

37 Edward Palmer Thompson (1924-1993), historiador e professor britânico.

38 Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês.

39 FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

diferente, não apenas nas ideias, mas na forma de escrever. Muito diferente da escrita extremamente conceitual, abstrata, da Escola de Sociologia Paulista. Ler Florestan Fernandes, por exemplo, não é para criaturas frágeis, ler Florestan Fernandes é para espíritos fortes. É uma verve conceitual difícil. Enquanto Thompson, que foi um grande leitor dos românticos ingleses, - ele tem inclusive uma obra sobre os românticos ingleses -, portanto uma pessoa apaixonada por literatura e que escrevia lindamente. O seu livro propriamente de teoria *A miséria da teoria ou um planetário de erros*⁴⁰ é uma obra-prima no uso da ironia. A ironia é o *tropos* prevalecente em ambos os autores que me formam, e eu acho que por isso eu me vejo tanto neles, porque a ironia é algo que me agrada e que também faz parte de mim. Eu tenho uma visão irônica do mundo e da vida.

E Campinas teve uma enorme importância para mim, porque Campinas também significou uma mudança existencial fundamental. Eu era, até então, um homossexual no armário. Eu era um gay no armário, em Campina Grande, porque perto da família, de uma família extremamente religiosa, tendo uma ligação muito edipiana com uma mãe que ficaria extremamente decepcionada em ter um filho gay. E Campinas proporcionou a minha saída do armário. Eu me tornei um homossexual assumido. E isso tem uma enorme importância também para o intelectual que eu vou ser, porque a homossexualidade permite um outro olhar para o mundo e para a vida. Porque ser homossexual, de certa forma, é estar sempre nas margens. Nós estamos nas margens da sociedade heteronormativa. Então o homossexual olha para o mundo de uma forma particular. Por exemplo, o homossexual tem, com a própria vivência da homossexualidade, uma consciência cada vez mais aguda da dimensão performática e mascarada dos sujeitos sociais, de como as pessoas são máscaras, de como não existe um sujeito verdadeiro, essencial. Os homossexuais, em grande medida, têm uma enorme facilidade de aceitar a teoria do sujeito chamada de *pós-moderna* ou as teorias do sujeito da filosofia da diferença. A gente sabe que o sujeito é uma sucessão de máscaras, porque aquele machão fora da cama quando cai na cama vira outra coisa, às vezes de uma forma surpreendente quando está numa outra situação. Quando a gente vai ler a teoria de gênero, a gente já sabe que gênero é performance, a gente já sabe que o sujeito de gênero, que o sujeito sexual, é performático, quer dizer, que é uma máscara.

A gente descobre, inclusive, a relatividade da verdade. O quê que é verdade? Quem é o sujeito propriamente verdadeiro? É aquele que faz uma *mise en scène* masculina antes de entrar porta adentro ou aquele que se transforma quando atravessa o umbral da porta? A homossexualidade é uma forma de olhar para o mundo, é uma forma diferente de enxergar as coisas. Por que os homossexuais tendem a ser irônicos? Tendem a ser céticos? Porque os homossexuais sabem da mascarada que é, em grande medida, a ordem social. A ordem social é uma mascarada. A ordem social é uma maneira de aparecer, é uma maneira mais de aparecer do que de ser, ou seja, a gente descobre que o ser é aparência, que o ser é aparecimento, que o ser é como aparece. Então você se assumir como, inclusive naquilo que você escreve, porque eu nunca deixei de me assumir como homossexual naquilo que escrevo, embora não precise ficar falando disso o tempo todo, mas é muito claro que eu sou um intelectual homossexual e como isso reserva um lugar diferente para meus escritos. A gente tem um olhar particular para o mundo. A discussão tão famosa do lugar de fala nós vivenciamos cotidianamente.⁴¹ A homossexualidade é um

40 THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

41 Referência à obra RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen/Sueli Carneiro, 2019.

lugar de fala. A gente fala de um outro lugar. Na Unicamp eu tenho esse encontro no mestrado com o Thompson, esse encontro com Foucault, esse encontro com minha homossexualidade. E faço uma dissertação sobre o discurso da seca: o problema era: como é que a seca foi transformada num problema regional no final do século XIX? Então já é uma questão totalmente foucaultiana, quer dizer, como é que um problema emerge, como é que uma questão emerge num dado momento? Por que que a seca que era um fenômeno que ocorria desde o período colonial nunca tinha se tornado uma questão, nunca havia se tornado um problema e se torna aí no final do século XIX? Por que de repente descobrem a seca? Por que a seca se torna motivo de práticas, investimentos institucionais, discursivos etc.? Então é isso que é a minha dissertação.

JOSÉ JÚNIOR: *Professor, em alguns textos você já falou sobre a tua aproximação com Michel Foucault e em que momento isso se deu [...]. Então, a partir de que momento da tua trajetória como professor, como pesquisador foi que se deu esse encontro? Você fala sobre algumas figuras como a de Ítalo Tronca, professor da Unicamp, e alguns outros também em seus textos, mas em que momento é que se deu esse contato, e como é que foi esse contato com a obra de Michel Foucault? Que impacto foi?*

DURVAL MUNIZ: Bem, eu conheci a obra de Michel Foucault justamente no mestrado em história na Unicamp⁴², na disciplina intitulada Historiografia brasileira. É muito curioso ter sido numa disciplina que se chamava Historiografia Brasileira, que era dada pelo professor Ítalo Tronca, que eu tenha lido o livro *História da Loucura*. [...]

Uma coisa que me chamou a atenção de imediato no livro foi a diversidade de fontes utilizadas, a erudição, quer dizer, como é que alguém numa obra utiliza desde quadros, fontes literárias, tratados médicos, psiquiátricos, trabalhos de filosofia, no campo do direito. Eu fiquei impressionado com a diversidade das fontes, além de que é um livro monumental, é um livro de seiscentas páginas. Assim, o meu primeiro contato com Foucault foi um grande contato. Foi com uma obra imensa e que realmente me impactou muito. Me impactou muito a forma de escrever, a forma de problematizar e a forma de usar as fontes, cruzando as fontes sem qualquer hierarquia entre elas. Utilizando as fontes sem estabelecer nenhuma hierarquia, já que era comum à nossa área pensar que o texto do arquivo oficial é mais importante do que o texto literário. Então esse foi o meu primeiro contato, foi nessa disciplina e realmente ele me marcou muito.

Foi a mesma disciplina em que eu li, pela primeira vez, o Edward Palmer Thompson, então foi a disciplina onde li dois autores que foram fundamentais na redação da minha dissertação. A minha dissertação de mestrado faz essa articulação que era muito característica do final dos anos 80 na Unicamp, que é essa articulação do pensamento de Foucault com esse marxismo renovado, esse marxismo não estrutural, um marxismo que levava em conta a cultura, a ideia de experiência, de resistência que era pensado e praticado pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993) que, sequer, era traduzido para o português. Foucault era traduzido, Thompson a gente lia em *xérox* de textos em espanhol. Quer dizer, alguém era dono de um texto em espanhol, devia ser um professor da Unicamp e fazia a *xérox*. A gente já recebia as cópias xerografadas dos textos de Thompson, de *A formação da classe trabalhadora*⁴³ na Inglaterra. Então essa disciplina foi muito importante para esse primeiro contato.

42 Universidade Estadual de Campinas.

43 A formação da classe operária inglesa, publicada originalmente em 1963.

JOSÉ JÚNIOR: *E como é que foi essa passagem de um Durval jovem historiador, jovem professor, que leu Foucault e depois passou a mobilizar as ferramentas metodológicas de Foucault na pesquisa e na escrita? Houve tensões? Inquietações? Como é que foi essa passagem?*

DURVAL MUNIZ: Veja, o impacto foi tão grande que eu abandonei o objeto que eu ia estudar no mestrado. Eu apresentei um projeto no mestrado para estudar dois conflitos pela terra na Paraíba, os conflitos de Alagamar e Piacas, conflitos que eu tinha acompanhado como militante de esquerda, notadamente como militante da Igreja progressista. A Igreja teve um papel fundamental, sob o comando de Dom José Maria Pires⁴⁴, nesses conflitos no agreste da Paraíba. Eu fui para a Unicamp numa linha de pesquisa chamada Capitalismo e Agricultura, então era um trabalho que se encaixava perfeitamente na linha. E na verdade, em grande medida, era um projeto muito sociológico porque essa era a minha formação [...]

Então, o meu trabalho era muito sociológico, tanto é que eu fui fazer disciplinas na pós-graduação de sociologia. Eu fui fazer disciplinas com a socióloga pernambucana, Nazaré Wanderley⁴⁵, que conhecia a realidade e a história do Nordeste, por ser pernambucana, ela conhecia aquilo que eu ia trabalhar. E eu cheguei a fazer três disciplinas com ela. Eu fiz uma disciplina sobre o pensamento clássico sobre a questão agrária, o pensamento brasileiro sobre a questão agrária e terminei abandonando esse projeto. Esse projeto virou o meu primeiro artigo publicado, um artigo publicado numa revista que eu acho que nem existe mais, uma revista chamada *Sulina*, lá de Porto Alegre. Porque eu era colega do Paulo Pinheiro Machado⁴⁶ que me apresentou essa revista. E eu mudei completamente de tema inspirado pela leitura de Foucault.

Quando eu pensei em trabalhar como é que a seca emergiu como um problema no final do século XIX, essa já é uma problemática totalmente foucaultiana. Porque Foucault se pergunta: como é que os problemas emergem? Como é que os problemas emergem historicamente? Como é que um dado debate se instaura? Como é que um conceito se torna central em um dado debate? Então, na verdade, eu faço uma história do conceito *seca*. Como é que esse conceito emerge no final do século XIX e ganha a centralidade que ele ganha a tal ponto de se tornar, posteriormente, definidor praticamente de um recorte regional. Porque o Nordeste, em grande medida, vai ser definido por esse imaginário em torno da seca. A seca vai ser decisiva para pensar o Nordeste. Até hoje a gente associa o Nordeste à seca. Então a problemática já era totalmente foucaultiana. Quer dizer, como é que um problema emerge? Assim como a metodologia, o trabalho é uma arqueologia. Ele é uma arqueologia dos discursos em torno da seca. Como é que a seca se torna um problema? Através de uma série de discursos que vão colocá-la como uma temática central nos debates e na própria caracterização do que é esse espaço no final do século XIX.

Eu nunca publiquei a minha dissertação porque eu não gosto da linguagem. Eu não gosto da forma como eu escrevia. [...] Além disso, eu não gosto da própria estrutura do trabalho. Eu não tive fôlego – nem domínio ainda, era um mestrando que estava começando como pesquisador –, de

44 José Maria Pires (1919–2017), arcebispo emérito da Paraíba.

45 Maria de Nazareth Baudel Wanderley.

46 Professor associado do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

cruzar os diferentes discursos como Foucault fazia nas suas obras. Eu trabalhei cada discurso em um capítulo, então os discursos ficaram separados. E, em grande medida, o trabalho é repetitivo porque a cada capítulo os mesmos temas aparecem em discursos diferentes. Então para publicar eu teria que reescrever o trabalho e eu não aguentava mais nem ouvir falar em seca depois que terminei de fazer o trabalho. Por isso eu resumi a tese da dissertação, as ideias centrais, em um artigo que publiquei na *Revista Brasileira de História* (ver nota 34).

A dissertação que foi muito elogiada pela banca, mas é difícil você publicar um trabalho quando você é um historiador de primeira viagem. Na época, o Nordeste não tinha editora, as editoras estavam todas concentradas no Sudeste. Era muito difícil publicar um trabalho imenso, de 400 páginas, porque a minha dissertação tem 400 páginas, então não era fácil. E, na verdade, eu não gostava, depois, da escrita do trabalho, do estilo. Eu mudei muito o meu estilo de escrever graças a Foucault sem dúvida. Foucault tem um grande impacto sobre a minha forma de escrever, como as leituras que fiz de Gilberto Freyre⁴⁷ têm. Acho que são dois autores que são responsáveis pela mudança na minha forma de escrever. Com Foucault eu adquiri a liberdade de usar imagens, de escrever poeticamente. Quer dizer, a história não precisa ser um texto chato, não precisa ser um texto para ninguém ler.

Muitas vezes as pessoas acham que Foucault exerceu sobre mim apenas uma influência teórica, metodológica, mas acho que ele exerceu uma influência do ponto de vista mesmo da escrita, da narrativa. Ele me libertou, assim como o Thompson, porque Thompson também escreve muito bem. Thompson, Ginzburg⁴⁸, que eram autores que a gente estava lendo naquele momento. Autores marxistas, mas esse marxismo menos estrutural, menos economicista, são autores que escrevem bem. *O queijo e os vermes*⁴⁹ é um livro muito bem escrito, inclusive com pretensões literárias, embora depois, curiosamente, Ginzburg se tornou um dos grandes críticos da aproximação da História com a Literatura. Eu acho que o Édipo⁵⁰ explica, deve ser o fato de ele ter uma mãe escritora, uma escritora maravilhosa, que faz muito mais sucesso do que ele, talvez isso explique essa questão dele com a literatura. Eu acho que passa pela relação com a mãe. Eu acho que ele tinha que fazer uma terapia básica, porque essa visão dele da literatura sem dúvida tem a ver com essa mãe escritora famosa mundialmente. Em *O queijo e os vermes*, no começo do livro, ele chega a afirmar que ele era um experimento literário e que ele tem pretensões literárias. Ele diz: *até tirei as notas de rodapé do texto, coloquei para o final*. Então é claro que esses outros autores foram importantes, mas Foucault me impactou fundamentalmente. E na minha dissertação eu acho que já sou um pesquisador muito influenciado por ele na forma mesmo de problematizar, de pensar o problema, de utilizar as fontes. Quer dizer, é um trabalho arqueológico de discurso, é um trabalho de análise de discurso. E é um trabalho que pensa a emergência de um problema no campo do saber e do pensamento em um determinado momento, relacionando isso com relações de poder, com relações de força, com dimensões políticas de um dado momento.

47 Gilberto Freyre (1900-1987), sociólogo e ensaísta pernambucano.

48 Carlo Ginzburg, historiador italiano nascido em 1939.

49 GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

50 Édipo rei, peça de Sófocles, escrita por volta de 427 a. C. Ver: SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução do grego: Mário Gama Kury. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

JOSÉ JÚNIOR: *Professor, você falou sobre o Ginzburg e me lembrou de um texto seu porque em algumas publicações você faz um diálogo, em certo nível, bastante combativo em relação aos modos como Ginzburg deu a ler o pensamento de Michel Foucault e a sua apropriação pela historiografia. E aí, por exemplo, em um texto que você publicou na Revista *Saeculum* da UFPB que se chama **O caçador de bruxas: Carlo Ginzburg e a análise historiográfica como inquisição e suspeição do outro**⁵¹, você trata disso. E em um outro também que está publicado no livro do Manuel Luiz Salgado Guimarães, **Estudos sobre a escrita da história**⁵² em que tu escreves assim: **O historiador naif ou a análise historiográfica como prática de excomunhão**⁵³. Em vários textos você tem falado disso, nos anos 2000, até em palestras recentes você se remete a isso, ao modo como alguns historiadores simplificaram, homogeneizaram e reduziram algumas teses e aspectos conceituais centrais na teorização foucaultiana. Eu queria te perguntar, você que é uma pessoa que lê muito e que se cerca de várias referências da produção historiográfica recente, sente diferença nessa apropriação ou pensa que em algum nível isso continua? Essas simplificações, essas pechas que, como você mesmo diz em alguns textos, não contribuem para que se aprenda nada sobre Foucault, mas mais para estigmatizá-lo. Como você vê isso mais recentemente?*

DURVAL MUNIZ: Foucault, na verdade, ainda continua sendo um desafio para os historiadores, eu acho. Sem dúvida Foucault tem uma grande penetração na historiografia brasileira e uma grande penetração em outras áreas do conhecimento. Foucault é um autor [lido] em muitas áreas. Aliás, Foucault foi o autor mais citado do século XX. Isso é uma coisa extraordinária por justamente ele [não] ter disciplinado o pensamento dele. Quer dizer, Foucault é utilizado da medicina ao direito, da pedagogia à arte, da filosofia à educação, da arquitetura à geografia, ou seja, ele atravessa não apenas as ciências humanas. As chamadas ciências sociais aplicadas também utilizam muito Foucault: o serviço social, a psiquiatria, a psicologia... Então, acho que os historiadores ainda fazem leituras muito caricaturais de Foucault, notadamente no Brasil, onde há uma tendência das pessoas de falar dos autores sem ler os autores. Esse é um problema no Brasil. As pessoas leem as críticas de Ginzburg a Foucault e ficam reproduzindo sem ler Foucault. Da mesma forma que muitos marxistas no Brasil não leram Marx. Quer dizer, leram a vulgata de Marx, leram panfletos do PCdoB⁵⁴ ou Marta Harnecker⁵⁵, nunca sentaram para ler *O capital*, porque é difícil ler *O capital*. Porque é difícil ler Marx, não é fácil. Então, a mesma coisa acontece com Foucault. Muita gente tem opinião sobre Foucault sem ler. Muita gente é leitora de orelha de livro e de texto de contracapa de livro no Brasil. Eu acho muito importante que se leiam os autores.

A crítica que eu faço a Ginzburg é porque ele não faz uma crítica conceitual a Foucault, ele nunca enfrentou o pensamento de Foucault em nenhuma crítica dele. Ele nunca enfrentou as categorias foucaultianas. Ele nunca enfrentou a metodologia foucaultiana. Ele só tenta desqualificá-lo pessoalmente,

51 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O caçador de bruxas: Carlo Ginzburg e a análise historiográfica como inquisição e suspeição do outro. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, n. 21, Jul./Dez. 2009, p. 45-63.

52 GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

53 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O historiador naif ou a análise historiográfica como prática de excomunhão. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, pp. 192-215.

54 Partido Comunista do Brasil.

55 Marta Harnecker Cerdá (1937–2019) foi uma cientista política, ativista chilena e integrante do governo socialista de Salvador Allende.

ou seja, ao invés de você fazer uma crítica *ad res*⁵⁶, aquilo que Aristóteles chamava de crítica *ad res*, ou seja, uma crítica ao pensamento, você faz uma crítica *ad hominem*, ou seja, você tenta interditar a leitura do autor difamando o autor. Como você não pode enfrentar as ideias dele, você o enfrenta na abjeção. Por exemplo, como a extrema direita tentou fazer recentemente com ele, um autor de extrema direita francês ao inventar que Foucault tinha se aproveitado de meninos, tinha tido relações de pedofilia na Tunísia. É esse tipo de crítica que Foucault enfrenta. Ou, por exemplo, as biografias escandalosas que tentaram fazer dele um mero escândalo por causa de suas práticas sexuais, por causa de sua opção sexual, por causa de sua sexualidade. Por exemplo, Ginzburg diz que estava tomando um café com Thompson e que Thompson disse que Foucault era um charlatão. Ora, no quê que isso ajuda a gente na compreensão de Foucault? Dizer que Foucault é um charlatão, ou você dizer que Foucault é uma nota de rodapé a [Friedrich] Nietzsche.⁵⁷ Alguém que tem a obra monumental que Foucault tem ser reduzido a uma nota de rodapé a Nietzsche, isso é mera adjetivação difamatória. Isso é tentativa de desqualificação. E veja, isso faz muito sucesso no Brasil, isso dá muito certo no Brasil, porque na academia do Brasil se faz muito isso. Ou seja, eu não concordo com o autor, mas eu não sei discutir com ele, então eu tento desqualificá-lo pessoalmente. Isso acontece muito na academia brasileira, daí porque os debates teóricos no Brasil quase sempre acabam com o outro sendo chamado de louco, o outro sendo chamado para uma briga pessoal, *vamos pro corredor acertar as contas*, quer dizer, nós não sabemos discutir ideias.

Por exemplo, você vai assistir uma mesa redonda na França, em Portugal ou na Espanha, as pessoas se criticam duramente e termina a mesa, todo mundo se abraça, e vai tomar um café, vai tomar uma cerveja. As pessoas não confundem persona e pessoa. Nós somos uma sociedade onde estruturalmente existe essa confusão entre a persona pública e a pessoa privada. Quando eu estou exercendo a crítica historiográfica eu não sou a pessoa Durval, eu sou a persona autor, intelectual Durval Muniz. A pessoa e a persona são diferentes. Quando eu estou em uma reunião do departamento, o que eu digo lá e o voto que eu emito é como persona pública. É como uma personagem da universidade, ou seja, não é porque eu votei contra a sua saída para o doutorado que eu sou seu inimigo. Eu votei contra a sua saída para o doutorado porque ela estava irregular do ponto de vista da instituição. E quando estou na reunião do departamento eu represento a instituição e, portanto, se a instituição me diz que eu devo recusar o seu pedido, eu recuso. Isso não significa que eu não gosto de você e nem queira que você vá fazer o doutorado. Então, há essa confusão no Brasil entre pessoa e persona que é a confusão entre público e privado, que é característico da sociedade brasileira.

O que eu critico em Ginzburg é justamente a crítica à pessoa, porque justamente Ginzburg faz parte de uma sociedade igual à brasileira. Na sociedade italiana também há uma enorme confusão entre pessoa privada e persona pública. Então, ele é uma pessoa que para criticar o pensamento não critica o pensamento, critica a pessoa. Por exemplo, quase todo mundo para Ginzburg é fascista. Ele banaliza a ideia de fascismo: Nietzsche é fascista, [Roland] Barthes é fascista, quer dizer, todo mundo que trabalha com a linguagem seria fascista. Ora, isso é uma crítica muito fácil, difícil é você dialogar com as categorias, com o pensamento dos autores. Eu espero, e aí é você e outras pessoas é que têm

56 Sobre esse tema, cf. ADEODATO, João Maurício Leitão. Tópica, argumentação e Direito dogmaticamente organizado. *Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)*, Unisinos, v. 10, n. 2, p. 128-137, maio-agosto 2018.

57 Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo e filólogo alemão.

que dizer, que nos textos que eu escrevo sobre Ginzburg eu enfrente suas ideias, jamais o ataquei pessoalmente. Eu discuto o pensamento dele, discuto as categorias dele, discuto as formas dele pensar, discuto as teses e as afirmações dele, dos livros dele. Eu não discuto a pessoa, nem conheço a pessoa, Ginzburg. Muita gente o conhece no Brasil, eu não tive o prazer de conhecê-lo, e, portanto, não tenho nada contra ele pessoalmente.

Da mesma forma fiz muitas críticas a outros historiadores brasileiros, eu sou alguém que faz crítica e nomeia a quem estou criticando. As pessoas para criticar os colegas de departamento ficam criticando o autor estrangeiro quando na verdade ele quer criticar o colega de departamento. Se eu criticar o colega de departamento ele saberá que eu estou criticando ele, o pensamento dele, não ele pessoa, mas ele persona, autor. Eu várias vezes critiquei, por exemplo, o Ciro Flamarion Cardoso⁵⁸ e o citei em todos os textos, ele está lá referenciado, ele pode saber que é com ele que estou falando. Eu não estou fingindo que estou discutindo com Foucault, com Ginzburg ou com Marx, eu estou discutindo com ele, com as leituras que ele fazia, inclusive essas leituras adjetivas. Para ele qual era o grande problema em os historiadores usarem Michel de Certeau? *É que Michel de Certeau era um padre*. Ora, o que isso tem [de] importância? Tem importância o que Michel de Certeau escreveu, se ele era um padre, se não era, se ele usava saia ou não usava, isso não tem relevância. *Ah, porque agora o grande teórico da história no Brasil é um padre*, e qual o problema disso? Se é um padre com a erudição de Michel de Certeau não é problema. Padre é, necessariamente, algo abominável? Não se pode ler um padre? Quer dizer, que você vai desconhecer a obra de Leonardo Boff, uma obra mundialmente conhecida, porque ele é um padre?

Então, essas críticas pessoais são muito comuns no Brasil. Isso eu vivo desde muito cedo, muito cedo. Quando eu entrei no departamento de Sociologia em Campina Grande, da antiga UFPB [Universidade Federal da Paraíba], atribuíam o que chamavam de *o meu ecletismo político* ou *o meu ecletismo teórico* e *o meu não-marxismo* à minha sexualidade. Era a forma de me atacar nos corredores e nas salas de aula. Era a minha sexualidade que me levava a ser uma pessoa confusa do ponto de vista do pensamento. Ou seja, como Foucault era homossexual e eu sou homossexual, aí haveria uma identidade por causa da homossexualidade. Eu estou acostumado a esse tipo de crítica, tenho a casca grossa em relação a isso, a essa tentativa de desqualificação. Por quê? Porque age assim quem não tem condição de encarar um debate no campo conceitual, de vir discutir comigo no campo conceitual. Eu sempre discuti com os marxistas no campo conceitual, porque eu conheço Marx, eu conheço o marxismo e por isso eu posso discutir.

Eu fiz uma disciplina de um ano na Unicamp só lendo *O capital* e só lendo os *Grundrisse* de Marx. Eu não tinha lido Marx antes de ir para a Unicamp, mas aí passei um ano lendo Marx, e li tudo de Marx. Li obras, inclusive, que as pessoas conhecem muito pouco de Marx, como a obra dele chamada *Sobre a educação*⁵⁹ que quase ninguém conhece. Eu discuto com os marxistas os conceitos, eu não discuto pessoa. Eu discuto a visão de história, a visão de tempo, os pressupostos teóricos. O quê que a gente tinha no Brasil quando fiz a pós-graduação? A gente tinha um bando de autor que se dizia materialista, mas que desmaterializava o mundo, o mundo era só conceito, não tinha gente, não

58 Ciro Flamarion Santana Cardoso (1942 – 2013), foi historiador e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF).

59 Trata-se, possivelmente, de: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Textos sobre educação e ensino*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 4ª ed. São Paulo: Centauro. 2004.

tinha corpo, as pessoas não tinham corpo, as pessoas não tinham sexo, as pessoas não eram materiais. Você escrevia a história com categorias abstratas: a burguesia, a aristocracia, a oligarquia, a classe operária, o mercantilismo, o capitalismo, o pacto colonial. Eram essas as personagens históricas. Não tinha gente! Então era um materialismo sem matéria, era um materialismo que criticava um idealismo e nadava no campo das ideias.

Daí a novidade para mim de Thompson, de Ginzburg, porque aí aparece gente. Aí aparece gente concreta. Não aquele marxismo que ficava discutindo o modo de produção colonial, quer dizer, uma coisa totalmente abstrata. *O sistema colonial ... O Brasil nos quadros do sistema colonial*⁶⁰, não tem uma pessoa nesse livro, não tem gente nesse livro de Fernando Novais, é só categoria. O capitalismo fez, o capitalismo determinou... e o capitalismo é gente para fazer as coisas? O capitalismo faz? As pessoas é que fazem em nome do capitalismo. Marx dizia: *quem encarna o capitalismo? A burguesia*. E quem é a burguesia? É gente concreta, de carne e osso, o capitalismo existe porque nós somos capitalistas, inclusive subjetivamente. O capitalismo não é apenas um modo de produção de mercadorias, ele é um modo de produção de subjetividades. O capitalismo produz a ética do trabalho, produz o consumidor, produz o investidor, produz uma pessoa competitiva, individualista, uma pessoa que é apaixonada por dinheiro, uma pessoa que valoriza o trabalho. Ou seja, o trabalho não era valorizado antes do capitalismo, o trabalho era coisa de servo e de escravo. O capitalismo precisou de pessoas que valorizassem o trabalho. Então, o capitalismo é valores também, a obra de Weber⁶¹ trata disso, mostrar como o protestantismo foi fundamental para a construção de uma ética burguesa.

O que me incomoda nessas críticas, é que elas beiram a desonestidade, pois não enfrentam o pensamento do autor. Vamos discutir com o autor o pensamento dele, não vamos atacar a pessoa dele, não vamos usar adjetivos. Em *O queijo e os vermes* Ginzburg diz que Foucault pratica uma *contemplanção estetizante*. O que é isso? O que é contemplanção estetizante? Os conceitos precisam ser definidos. Ginzburg adora usar um monte de pechas que ele não define, então ele chama alguém de *narrativista*. O que é ser *narrativista*? Defina o que é ser *narrativista*. *Cético*, o que é ser *cético*? *Pós-moderno*, essa é a mais interessante. *Pós-moderno*, o que é ser *pós-moderno*? Quando você usa essa categoria ou qualquer categoria, se você está discutindo [publicamente], você tem obrigação de definir as categorias que você utiliza. Quer dizer, se eu digo o que é tal coisa, eu tenho que conceituar, eu tenho que dizer o que é que eu estou dizendo com isso. O que é que eu estou significando com esse conceito.

Na verdade, elas são gavetas desqualificadoras [em] que você joga as pessoas, simplesmente. É muito fácil: *ah é um pós-moderno não vou ler*. Assim todo mundo é jogado dentro da pós-modernidade. Alguém que você não conhece, que você acha estranho, você joga dentro desse balaio que é a pós-modernidade. A gente tem que ter muitos cuidados com os conceitos. Aprendi com Foucault que os conceitos têm história, e que os conceitos são políticos. Então quando você escolhe um conceito para nomear alguma coisa é uma escolha política, não é apenas uma escolha epistemológica. Quando você escolhe chamar alguma coisa de alguma coisa, dar a ela um conceito, isso tem uma dimensão política clara. Quer dizer, quando eu digo que alguma coisa é cética eu estou fazendo uma afirmação que não é apenas filosófica. Então, se você é contra o ceticismo, você é a favor de quê? De não ser cético? De

60 NOVAIS, Fernando Antônio. *O Brasil nos quadros do antigo sistema colonial*. Brasil em perspectiva. 21ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

61 Menção à obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920). Cf. WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de João Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ser crédulo? Então defenda isso, vamos defender a credulidade. Vamos ser todo mundo crédulo, para não dizer *crente*. Ou seja, é estranho que na academia você critique alguém por ser cético, já que o ceticismo devia ser uma atitude comum a todos nós.

JOSÉ JÚNIOR: [...] *E, eu acho, que tem algumas conotações do que tu falas, porque uma primeira conotação também é de ordem ética: assumir os limites. Num mestrado, num doutorado, mesmo com muitos anos de carreira, é impossível dominar tudo, ter lido tudo exaustivamente. Assumir os limites da capacidade de leitura naquele momento, naquelas circunstâncias. Entender que cada autor abre um campo muito variado de possibilidades e que o meu referencial teórico não é necessariamente melhor ou pior do que o outro. O que está em questão é se ele me ajuda a responder os problemas que eu levantei, se ele me ajuda a ler a documentação que eu consultei no arquivo, seja um arquivo físico ou virtual. Então tu falaste uma coisa que é fundamental: para a gente privilegiar na academia esses espaços [de diálogo], porque é a isso que a academia se propõe. A gente vê isso muito, infelizmente, frases do tipo: Michel Foucault não tem pesquisa. Eu já ouvi isso algumas vezes ao longo da jornada e, assim, é de um absurdo tão grande porque diz uma coisa: a pessoa não leu Foucault. Ela, sequer, colocou o nome Foucault ali no Wikipédia para poder dar uma olhada e ver que é uma variedade de obras, de temas. Se ele pega, por exemplo, Vigiar e Punir⁶², não precisa nem ler mas já vai ver uma quantidade de documentos que ele mobiliza, da densidade daquele estudo. Então, falar que Foucault não tem pesquisa é de uma desonestidade e é de uma ingenuidade também ao comprar o argumento de outrem. Então eu acho que tu falastes uma coisa fundamental assim para nos situarmos de outra maneira no nosso campo de leitura, no nosso campo de possibilidades, e a partir daqueles elementos que nós selecionamos como sendo relevantes para escrever uma dissertação quando só temos, atualmente, 24 meses. Então, acho que esse respeito à ideia do outro, ao lugar de fala do outro é fundamental.*

E um outro elemento, uma outra conotação, Durval, pelos textos que eu já li de tua autoria, pelo que eu escuto agora, em outras conferências e falas públicas que você fez, é de que uma vez se dispendo a fazer uma crítica a alguém, se cercar das referências. Então quando tu fazes um texto, mais de um na verdade, falando sobre o conceito de experiência⁶³ em Thompson há um levantamento da obra de Thompson para poder chegar às conclusões em que você chega. Então se não há esse trabalho de entender o pensamento do outro para a partir disso fazer um trampolim e pensar diferente, eu acho que não vale a pena ensaiar. Porque aí não é crítica, não é o diálogo aberto, produtivo, profícuo. É só um ataque, é só um gesto de desmerecer, de estigmatizar e de excluir, o que no frígir dos ovos é isso que acaba acontecendo no cotidiano da academia. Cria-se o grupinho daqui, o outro grupelho ali e a coisa não anda.

Mas, eu queria adiantar a questão que viria depois, porque tu falaste sobre o impacto de Foucault no teu modo de pesquisar, no teu modo de escrever, mas, me parece também, pelas tuas falas mais recentes, pelos textos publicados mais recentemente, acho que tu tens tratado disso, acho que tem conotações ético-políticas muito fortes da leitura de Foucault sobre a tua trajetória. E a gente vive um momento contemporâneo atravessado por muito autoritarismo. Acho tão difícil a gente ainda falar em democracia no Brasil depois de tudo que tem acontecido. Queria saber, você que participou de uma coletânea incrível que a Margareth Rago

62 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 40ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

63 Os dois textos, são: “Experiência: uma fissura no silêncio” e “Por uma leitura ‘safada’ de E. P. Thompson”. Para a leitura de ambos, cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História, a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

organizou com o Alfredo Veiga-Neto chamada *Michel Foucault, para uma vida não fascista*⁶⁴ com um texto muito interessante sobre a *Identidade da anomalia e a anomalia da identidade*⁶⁵ pensando com Foucault. Queria que tu comentasses um pouquinho sobre isso, como Foucault pensou o fascismo? Como as ferramentas dele nos ajudam a entender e a estranhar esse tempo presente que a gente tem vivido, que horrores daqui e dali tem se multiplicado e se midiaticizado também? Se tu puderes comentar um pouco sobre isso.

DURVAL MUNIZ: Veja, porque ao contrário do que uma certa vulgata diz a respeito do que Foucault diz, Foucault não abandona a ideia de sujeito. Em grande medida ele afirma que a vida constitui o sujeito. Como se constitui o sujeito político, como se constitui o sujeito do saber? E, na última fase da sua vida, como se constitui o sujeito ético. Então, ao contrário do que costumam dizer, que Foucault matou o sujeito, acabou com o sujeito, ao contrário, Foucault radicaliza a historicização do sujeito. O sujeito não preexiste à prática e nem à ação. Na verdade, é porque nós estamos acostumados com a visão substancialista do sujeito, essencialista do sujeito, iluminista do sujeito. Então, o sujeito existe antes da ação. O sujeito existe antes do discurso. Para Foucault não, o sujeito é uma resultante da ação e do discurso. Eu só sou sujeito quando eu falo, eu não sou sujeito antes, ou seja, as pessoas confundem a existência empírica da pessoa e ser sujeito. Não é pelo fato de que você existe empiricamente que você é sujeito da ação antes de agir, e que você é sujeito do discurso antes de falar. Você só é sujeito quando você fala. Por exemplo, você existe empiricamente, mas você só é professor, sujeito professor, na hora de dar aula. Você não é professor antes. Você antes é uma promessa de professor, um vir a ser de professor. Mas você só se torna um sujeito professor quando você ocupa esse lugar de sujeito que é o de professor, ou seja, Foucault aborda como se constroem lugares de sujeito e como a gente ocupa esses lugares. Então, professor, estudante, advogado, cliente, médico, paciente são lugares de sujeito que podem ser ocupados por milhares de corpos e que vão ter que se adequar às regras que regem cada lugar desse. Cada lugar de sujeito tem regras. Então, para eu assumir o lugar de sujeito de pai eu vou ter que obedecer a algumas regras, senão eu vou ser péssimo pai ou não vou ser pai algum. Eu só vou ter colocado a criatura no mundo, mas não vou ser pai porque eu não obedeco às regras que definem num dado momento histórico, numa dada sociedade, numa dada cultura o que é ser pai.

Portanto, Foucault vai pensar ao longo da sua trajetória esse sujeito político e esse sujeito ético. Ora, o quê que é o fascismo? O fascismo é uma forma de ser sujeito. É uma forma de exercer [o poder]. O fascista se constitui em ações fascistas e em discursos fascistas, ou seja, o fascista tem uma subjetividade fascista. Foucault vai, no prefácio que ele escreve para o *Anti-Édipo*⁶⁶ de [Gilles] Deleuze e [Félix] Guattari, definir claramente o quê que é o fascista. O fascista é alguém apaixonado pelo poder. O fascista é alguém que ama o poder, é alguém que quer dar um golpe de toda forma para não deixar o poder. Que vai fazer de tudo para não deixar o poder. A única coisa que Bolsonaro ama é o poder. Ele não sabe o que fazer com ele [o poder], ele não sabe governar, ele não sabe nem ter a compostura de presidente da república, mas ele quer o poder, é apaixonado pelo poder. E todos que o seguem são apaixonados pelo poder porque se projetam no poder que ele tem. Estão apaixonados

64 RAGO, Margareth & VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Michel Foucault: para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

65 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Bela ou a Fera: os corpos entre a identidade da anomalia e a anomalia da identidade. In: RAGO, Margareth & VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Michel Foucault: para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

66 DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 2ª ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

por ele porque ele exerce o poder como essas pessoas exerceriam. E possivelmente [exercem] na vida privada, devem exercer no seu cotidiano, ou seja, um fascista gosta de outro e se identifica com outro porque age fascistamente no dia a dia.

Como é que Foucault pensa o poder [do Estado]? O Estado é uma resultante de relações de poder que se estendem por toda a sociedade. Onde há [relação] há poder, porque o poder é uma relação. O poder não é meu, não é seu, não existe ninguém dono do poder. O poder é relacional. E o quê que é uma relação fascista? É uma relação em que eu desconheço o outro, em que o outro que está na minha frente não importa, eu não tenho a menor empatia com ele e eu quero prevalecer completamente sobre esse outro. No fundo o meu desejo é de morte, é de morte do outro. E aí a gente entende porque nós temos um governo tomado pelo desejo da morte do outro. Por quê? Porque o desejo fascista, levado às últimas consequências [...] levaria ao fim do poder. Porque quando você mata o outro acaba o poder, porque o poder é relação. Você precisa do outro para que exista o poder. Então se você escraviza o outro, ou se você mata o outro, você não tem mais uma relação de poder, você tem uma relação de violência. Daí porque o fascismo desanda em violência, desanda em relação de violência. Daí porque hoje ele receitou que a gente precisa não de feijão a gente precisa comprar é fuzil, ou seja, são imbecis quem reclama que a gente precisa de feijão, imbecil não é quem diz que a gente precisa de fuzil.

O fascista é justamente esse que quer imperar completamente sobre o outro, que quer anular o outro. Porque a grande dificuldade de a gente viver em sociedade é que existe o outro. O outro é o nosso limite, ou seja, nós precisamos do outro porque somos seres sociais, mas o outro ao mesmo tempo é incômodo porque ele me limita. Ele limita o meu espaço de liberdade. Eu preciso aprender a construir a liberdade, porque liberdade para Foucault não é uma coisa que a gente conquista definitivamente, em um final da história. Liberdade é uma coisa que a gente conquista todo dia e volta a perder todo dia. A liberdade é uma luta incessante pela liberdade. Por quê? Porque o poder está aí e rapidamente ele tende a cercear a liberdade.

Veja, Foucault diz *onde há poder há resistência*, o poder para ele, por ser relacional, é inseparável da resistência. Por quê? Porque o poder só existe à medida que eu tenho um outro que resiste a mim, senão não é poder, é escravização ou é violência. Quer dizer, uma pessoa amarrada ao pau de arara sendo torturada aí não tem mais relação de poder, aí tem uma relação de violência. Porque essa pessoa foi destituída da condição de sujeito. Para existir relação de poder é preciso que o outro tenha o mesmo *status* de sujeito que eu, e que ele possa dizer não. Para Foucault uma coisa fundamental do poder é você poder dizer não ao próprio poder. E o fascismo sonha com que você não possa dizer mais não, ou seja, no fundo o fascismo é o império da violência, é a destruição das relações de poder, enquanto relações, inclusive, produtivas. Porque para Foucault o poder produz. O poder não só diz não. Se o poder só dissesse não, só reprimisse, só coibisse, ninguém se apaixonava pelo poder. A gente se apaixona pelo poder porque ele é sedutor. O poder seduz. O poder dá prazer, dá um enorme prazer. Foucault sabia disso porque era um praticante de práticas sadomasoquistas. E o que são as práticas sadomasoquistas? A retirada de prazer do poder, da simulação de uma relação de poder quase absoluta sobre o outro. Quer dizer, eu tiro prazer de ser dominado pela dominatrix que pisa em mim, chicoteia-me, faz toda uma encenação do poder. A prática sadomasoquista é uma encenação, uma teatralização de uma relação de poder em que um se submete, o masoquista, que goza com a submissão, e o outro que goza com a dominação. Então por que a dominação é tão fascinante? Porque ela produz prazer. A pessoa tira

prazer da dominação. Quer dizer, quando um marido bate na mulher ele tira prazer disso. Isso é que é terrível. É que ele tem prazer, ele goza em bater, ele goza em humilhar. Ou seja, o senhor de escravo tirava prazer de chicotear o escravo, de torturá-lo.

E aí Foucault vai trazer um elemento fundamental, que os historiadores muitas vezes não se dão conta, que é a dimensão subjetiva e que é a dimensão inconsciente, que está em todas as nossas ações. Foucault é um companheiro de [Jacques] Lacan, um leitor de Lacan, alguém que reflete sobre o gozo, inclusive o gozo perverso. Bolsonaro goza, gente. Goza com essas coisas que ele faz. Ele tira prazer desse desprezo pelos outros, desse menoscabo pelos outros, ele tira prazer disso. Um prazer perverso porque ele é perverso, mas ele tira prazer, ele goza com isso.

Foucault fez uma reflexão sobre a figura do intelectual, ele tem uma reflexão muito interessante. Ele faz uma crítica à ideia do intelectual universal. Aquele intelectual que sabe de tudo e aquele intelectual que tem solução para o mundo e para tudo. No lugar desse intelectual ele colocava o intelectual situado. Em vez de ser universal um intelectual que tem uma inserção num determinado lugar, um *intelectual específico*.⁶⁷ Esse intelectual que é agente de transformação no lugar onde está, porque não há transformação do mundo antes de você começar a transformar onde você está. É muito interessante professores revolucionários que não vão dar aula. Professores revolucionários que negligenciam as suas próprias atividades na universidade. Isso é uma lástima! Ou o homem de esquerda que bate na mulher. Que transformação social é essa que você está fazendo? É machista, é homofóbico e etc. O intelectual específico é esse intelectual situado. E eu me inspiro muito nisso, eu acho que antes de mais nada eu tenho como responsabilidade mudar onde eu estou. Quer dizer, mudar as minhas relações, inclusive, com os outros. A gente começa a questionar o poder em cada relação em que estamos inseridos. A gente não precisa esperar para questionar o Estado.

Esse foi o grande equívoco dos projetos revolucionários, você ataca o Estado violentamente, você conquista o Estado, e aí é um fracasso completo. Porque o que o Estado conquistado com violência faz é se tornar um Estado violento e voltar a violência contra os que fizeram a própria revolução. Foi essa a história das revoluções socialistas. Estados que levaram, inclusive, determinadas elites burocráticas ao poder que depois se tornaram déspotas e tiranos matando a própria população. Veja, por exemplo, o caso de Angola, o MPLA⁶⁸ chega ao poder através da violência e num determinado momento, faz um expurgo e mata 30 mil militantes do próprio MPLA. Então é isso, essas experiências que esse modelo de transformação social trouxe, porque no fundo não mexe nas relações de poder que sustentam o Estado. O Estado é a resultante das relações de poder e não o ponto de partida.

Eu fico muito triste quando vejo alunos, ainda na graduação, sendo quadros de determinados professores e repetindo como papagaios coisas que os professores dizem sobre autores sem terem, inclusive, lido. Isso é muito triste. Porque, na verdade, eu nunca atuei na universidade tentando criar clones, eu nunca quis que ninguém fosse o meu clone. Eu nunca quis que nenhum orientando meu fizesse o trabalho que eu faria. Ele sempre faz o trabalho que ele quis fazer, inclusive fazendo com referências bibliográficas outras. Até porque essa ideia, essa redução de que eu sou foucaultiano e que eu me reduzo a Foucault, quer dizer, a quantidade de autores que eu leio para além de Foucault. Eu

67 Sobre esse tema, cf. FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In. **Microfísica do poder**. Tradução, organização e seleção de textos: Roberto Machado. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012, p. 129-142.

68 O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) é um partido político angolano.

procuro acompanhar e ler coisas muito diversas e muito para além de Foucault. Faz tempo que eu não dou um curso sobre Foucault. Eu tenho dado cursos sobre outros autores. Então no momento, por exemplo, eu estou lendo o pensamento africano, quero dar um curso sobre o pensamento africano contemporâneo. Claro, vou esbarrar em Foucault. Foucault vai estar lá no pensamento africano contemporâneo. O que é que eu posso fazer se Foucault foi capaz de impactar o pensamento feminista, o pensamento decolonial, o pensamento *queer*, ou seja, as questões de gênero, as questões em torno do racismo? É claro, vou ler Achille Mbembe⁶⁹ está lá Foucault, o diálogo com Foucault. Vou ler bell hooks⁷⁰ está lá Foucault, está Paulo Freire e está Foucault. Vou ler Chimamanda Adichie⁷¹ está lá Foucault. Grada Kilomba⁷² está lá Foucault. Então você vai ler os autores africanos e Foucault está lá, como Marx está lá, como a psicanálise está lá. Por quê? Porque as pessoas não se fecham e vão ler esses autores. É contraproducente uma pessoa que está na graduação ou que está na pós-graduação começar a se fechar, começar a se definir sem ter a oportunidade de ler muita coisa diferente.

Eu nunca vou chegar a um aluno meu e proibir ele de ler qualquer autor como alguns colegas fazem. Proíbem. Houve um evento, que eu não vou dizer aonde, mas que os meus bolsistas ouviram dos coordenadores do simpósio temático a frase: *Foucault aqui não*. Quer dizer, que coisa democrática! Numa universidade pública. Por que Foucault aqui não? Foucault em todo lugar, Marx em todo lugar... ou seja, a gente tem que ler os autores. Eu jamais vou interditar qualquer autor, mesmo autores conservadores. Eu passei a vida estudando autores conservadores e aprendi muito com eles. Eu não vou interditar, como eu era interditado na graduação, de ler Gilberto Freyre. Nós éramos interditados na graduação, nós não podíamos ler Gilberto Freyre, nem podíamos ler Sérgio Buarque [de Holanda]⁷³ porque eram conservadores. A gente só podia ler Caio Prado Júnior, ou seja, não é por aí que a gente se forma. E depois eu fui ler e descobri que eles eram muito interessantes.

No começo dos anos 60, Gilberto Freyre escreve um livro chamado *Dona Sinhá e o filho padre*⁷⁴ onde ele faz uma diferença entre o sexo biológico e o sexo sociológico, ou seja, Gilberto Freyre está antevendo as teorias de gênero, antes das teorias de gênero existirem. Ou seja, queira ou não, ele era genial. Há conservadores geniais, o que nós podemos fazer? Talvez seja um drama do Brasil que os nossos grandes intelectuais, na maioria, são conservadores. O que a gente pode fazer? Foram mais brilhantes que os nossos intelectuais de esquerda, muitas vezes perdidos com os seus esquematismos e as suas simplificações. Então talvez esse seja um drama particular do Brasil.

JOSÉ JÚNIOR: *Eu acho que tu falaste também uma coisa fundamental, lembrei da conversa de Foucault com Deleuze em que ele fala do potencial da teoria não como algo totalizador, mas multiplicador. Então esse próximo curso que tu vais ministrar daqui a um pouquinho mostra isso, temas sobre os quais Foucault não se debruçou, materiais que ele não analisou, mas que as ferramentas da genealogia e da arqueologia permitirão pensar, analisar, ou seja, ir adiante, criar outros espaços de liberdade, outras formas de pensar. [...] Abrir a*

69 Achille Mbembe (1957-), filósofo e professor camaronês.

70 Pseudônimo de Gloria Jean Watkins (1952-2021), teórica e professora estadunidense.

71 Chimamanda Ngozi Adichie (1977-), escritora nigeriana.

72 Grada Kilomba (1968-), escritora, artista e teórica portuguesa.

73 Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), historiador e ensaísta brasileiro.

74 FREYRE, Gilberto. **Dona Sinhá e o Filho Padre**: Seminovela. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

possibilidade do pensamento, ler os conservadores, ler a esquerda, ler o máximo possível para que a gente crie a capacidade de pensar. Se por um lado nós não somos totalmente autônomos, mas eu acho que se pode fazer o exercício da crítica de uma maneira responsável.

Durval, um outro aspecto também da tua fala [...], quanto tu estás falando do fascismo, da leitura que Michel Foucault fez desse tema e da subjetividade, eu acho que tu trazes um aspecto que é muito caro à tua obra que é o modo como se coloca o corpo em cena. O corpo na história. Um objeto que foi por muito tempo esquecido, secundarizado. Se a loucura era algo visto como uma condição patológica, isso existiu desde que o mundo é mundo, então o corpo humano é como se tivesse existido desde que o mundo é mundo, não tem que ser historicizado. E aí na tua obra tu fazes isso quando está discutindo as masculinidades e vários outros temas, a exemplo do seu atual projeto de pesquisa que é financiado pelo CNPq⁷⁵, **Carni(o)ficinas da história: uma história dos sofrimentos e violências sofridos pelas carnes e pelos corpos no Norte e Nordeste (1878-1938)**. De que modo foi que Foucault educou o teu olhar para pensar o corpo na história? [Como] ler esse corpo a partir dos indícios que a documentação apresentava?

DURVAL MUNIZ: Lembre-se, por exemplo, do texto fundamental de Foucault *Nietzsche, a genealogia e a história*⁷⁶ em que ele diz assim: *a história marca o corpo*. Quer dizer, o corpo é o campo de operação da história. Ora, Foucault escreveu um texto belíssimo que foi publicado como livro no Brasil que é *O corpo utópico*. O corpo sempre foi uma temática para Foucault. Em *Vigiar e Punir*, o quê que é a disciplina? A disciplina é o poder e a força sobre os corpos, adestrando os corpos, produzindo o que ele chama de *corpos dóceis*. Há um capítulo no *Vigiar e Punir* chamado *Corpos dóceis*. Então, Foucault sempre chamou a atenção para a temática do corpo. O quê que é uma *História da sexualidade*? Ou, por exemplo, o que é um curso *Os anormais*?⁷⁷ É o corpo o tempo todo aí.

O último livro dele, que acaba de sair⁷⁸, trata da pastoral da carne, porque é fundamental operar a divisão entre carne e corpo, que é uma divisão que eu venho trabalhando. Por quê? Porque é preciso separar o corpo biológico, aquilo que ele tem exclusivamente de biológico, a carne; e o corpo que é uma construção cultural, social, simbólica que vai educar essas carnes, que vai humanizar essas carnes, que vai torná-las culturais. Elas vão deixar de ser naturais e tornarem-se culturais. Nós passamos por um processo de produção do corpo. Nós nascemos com a carne e vamos produzindo o corpo à medida que vamos sendo socializados, à medida que vamos sendo educados, à medida que vamos sendo humanizados. Então, eu nasço com a visão, mas aí eu vou ter uma visão educada que é o olhar. Eu nasço com a audição, a educação da audição produz a escuta. E assim sucessivamente.

Então, como foi possível você fazer história tanto tempo ignorando os corpos? Eu estou escrevendo um texto mostrando como isso acontece também em sala de aula. Quer dizer, todas as discussões em torno da educação, do aprendizado, reduzem as pessoas a uma cabeça pensante. É como se a pessoa

75 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

76 FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012, p. 55-86.

77 FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WWF, Martins Fontes, 2010.

78 Referência ao livro **Les aveaux de la chair: histoire de la sexualité 4**, publicado em Paris pela Editora Gallimard, em 2018. Para a edição brasileira, cf. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, 4: as confissões da carne. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. 1ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

não tivesse corpo. Professor não tem corpo e aluno não tem corpo, ou seja, é como se a relação de aprendizado não fosse uma relação erótica. A relação de aprendizado é uma relação erótica, porque o erótico nada tem a ver com o sexual. Nós somos seres eróticos porque somos seres que nos afetamos. Os nossos corpos produzem afetos uns sobre os outros. Como diz a Suely Rolnik⁷⁹ *os nossos corpos são vibráteis*, ou seja, os nossos corpos vibram na presença de outros corpos. Não adianta dizer que não. Você é professor, vê uma determinada parte do corpo de um aluno ou de uma aluna e aquilo mexe com você. É claro que a ética vai impor limites, o sujeito ético, para você manter a calma, mas você é afetado. Você é afetado pelo olhar do aluno. O aluno está com um olhar *blasé* na sua aula, isso lhe afeta. O aluno está com o olho brilhando na sua aula, isso lhe afeta, lhe toca profundamente. A expressão com que o aluno está assistindo a sua aula. Se ele está quase de boca aberta assistindo a sua aula é um prazer enorme para um professor. É o momento em que o professor goza. Há gozo na aula. Há aulas que quando a gente termina, a gente teve praticamente um orgasmo, ou seja, tanto o aluno quanto o professor. E há aulas que são uma tortura, uma verdadeira tortura. Então, nós somos afetados pela voz do professor. Um professor de voz desagradável é difícil, é muito difícil, ou seja, um professor desagradável fisicamente é complicado.

Uma pessoa é autoritária só na postura corporal. O autoritarismo está na postura corporal. Leiam [Franz] Kafka⁸⁰. Kafka foi um mestre de mostrar como o poder, o fascismo estava no corpo. O fascismo está no corpo de Bolsonaro. Bolsonaro não precisa dizer uma palavra para sabermos que ele é um fascista, está no corpo dele. Como o Lula do *coxão*, o corpo de Lula exprime o que é ele, o que é a subjetividade dele, o que é a pessoa dele. Aquela coxa é feliz! Aquela coxa é uma coxa feliz, é de um homem feliz. Enquanto que Bolsonaro é uma criatura infeliz, com seus distúrbios gástricos, isso é muito claro. Ou seja, nós lemos corpos o tempo todo. Nós fazemos o tempo todo a leitura do corpo do outro. O gesto é uma linguagem fundamental humana. A comunicação humana se dá através do gesto.

Eu venho trabalhando e vou dar inclusive um curso, no Instituto Ricardo Brennand, sobre Georges Didi-Huberman⁸¹ que é um autor que trabalha sobretudo com o gesto. E o gesto como sintoma da subjetividade, das formas de pensar, das formas de conceber o mundo, das visões de mundo. Nós fazemos sintomas o tempo todo. Os nossos gestos são reveladores. E todo professor é um leitor de gestos como o aluno também é. Quer dizer, os alunos rapidamente nos imitam e imitam os nossos gestos. Por exemplo, quando a direita no Brasil pretendeu retirar as discussões de gênero na sala de aula, é engraçadíssimo você achar que pode existir uma sala de aula sem questões de gênero ou sem questões de sexualidade. Você pode não discutir cientificamente, mas quando você entra em sala de aula o gênero entra com você. Porque você performatiza um dado tipo de masculino, um dado tipo de feminino, não é? Você performatiza o gênero o tempo todo. Então você fala de gênero. O professor fala de gênero mesmo sem abrir a boca, ele está falando de gênero. O professor de matemática fala de gênero embora não entenda nada, ele pode não entender nada de teoria de gênero, mas ele fala. Quando ele solta a piada machista, quando ele faz a brincadeira misógina, homofóbica, ele está falando de gênero. Ou seja, ele está falando de sexualidade, ele tá falando de opções sexuais. Então assim, é

79 Escritora, psicanalista, tradutora e curadora de artes plásticas. Professora do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

80 Escritor tcheco nascido em 1883 e falecido em 1924, autor de obras como *A metamorfose*, publicada em 1915.

81 Historiador da arte e filósofo francês.

muito engraçado você achar que vai tirar o gênero da sala de aula. Só a Damares⁸² mesmo, que não fala em outra coisa, porque o mais engraçado é isso. É que as criaturas desse governo não falam de outra coisa a não ser disso. O presidente tem uma fixação anal, ele só fala do ânus. Quer dizer, nele há algum problema com essa região porque só fala disso. Ou seja, o corpo fala, é linguagem.

O corpo é linguagem porque o corpo é cultura. Porque o corpo é a encarnação da cultura, a encarnação de conceitos. O nosso corpo são conceitos levados para a carne e, portanto, nós falamos com o corpo. O corpo fala, muitas vezes, mais do que a nossa boca. Muitos homossexuais quando se preparam todos para sair do armário descobrem com decepção que a mãe já sabia, o pai já sabia. Por quê? Porque o pai e a mãe leem nos corpos, leem nos gestos, não precisa dizer nada. É claro que tem pai e mãe que lê e finge que não viu porque é mais tranquilo fazer de conta que não viu.

As nossas carnes são a nossa materialidade no mundo, são a nossa presença no mundo. Então como fazer história dos homens sem a sua materialidade? Sem a sua presença no mundo? A história nos afeta através dos corpos. A história nos chega através dos corpos. A guerra é feita de quê? A guerra é feita de corpos que guerreiam, que matam, que ferem, que mutilam, que estupram. Nós vimos agora o Talibã. O quê que voou pelos ares em Cabul⁸³? Corpos, carnes humanas destruídas violentamente pelo fanatismo religioso, pelo fundamentalismo religioso que é um dos grandes problemas do mundo contemporâneo.

JOSÉ JÚNIOR: *E no caso do Brasil, historicamente [tem-se] a presença do discurso religioso muito conservador inviabilizando historicamente a nossa democracia, que sempre foi muito frágil. Alguns ensaios e novos golpes ao longo da história, mas eu acho que nesse momento, recentemente eu falava sobre isso – e não tinha nada a ver com uma discordância minha em relação ao credo, não era nesse sentido – o perigo da neopentecostalização do mundo. Em todos os lugares, dentro dos ônibus, dentro dos supermercados, na tevê, em todos os lugares é uma neopentecostalização. É um certo modo de vida que é autorizado e outros que não são autorizados. Então tem que ter lei para proibir pregação dentro de ônibus, não deveria nem acontecer.*

DURVAL MUNIZ: É um desrespeito pelo outro. Como tudo que os homens criam, a religião tanto pode potencializar a vida como pode desfavorecer a vida. Então, a religião salva muita gente de morrer, de se suicidar, mas a religião também é motivo de suicídio e da morte de muita gente. Como tudo que é humano, a religião também é ambígua, depende de como se usa. Depende de como se vive. A religião pode ser fonte de vida e pode ser fonte de morte. Quer dizer, ela tanto pode favorecer a vida como pode favorecer a morte, depende [de] como você a vive. Depende de como você pratica.

JOSÉ JÚNIOR: *Sensacional essa tua fala sobre isso, até para que as pessoas entendam que aqui não se trata de criticar um credo com outro credo, mas de colocar isso em questão e de ver os efeitos que isso produz na nossa sociedade.*

82 Damares Regina Alves. À época, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, no Brasil.

83 Referência à tomada de Cabul, capital do Afeganistão, pelo grupo extremista Talibã, provocando mortes, fugas e violências de toda sorte a partir de 15 agosto de 2021.

DURVAL MUNIZ: Se a religião te produz alegria, ótimo, mas se a religião produz tristeza e você quer que os outros sejam tristes, se você não suporta que os outros sejam alegres, há alguma coisa errada com a sua religião. Se a sua religião acha que a tristeza e a seriedade, e não o riso e a alegria, que justificam a vida, tem algo errado com essa religião.

JOSÉ JÚNIOR: *Faz todo o sentido [...]. Mas, depois de tantos cursos ministrados, tantas teses e dissertações orientadas, tantas viagens, indo a Portugal, Espanha, lugares por onde você passou, pela América Latina, queria te perguntar: dos textos de Foucault, que você vem lendo e relendo ao longo desses anos, qual aquele que te marcou de um modo especial? Aquele que te toca de uma forma que faz com que o teu retorno a ele seja um pouco mais frequente? [...] Para Durval Muniz, que é essa referência importante para nós, que texto é esse que te toca de modo singular?*

DURVAL MUNIZ: Não tem texto mais lindo do que *A vida dos homens infames*.⁸⁴ *A vida dos homens infames* é o grande texto de Foucault. E é um texto onde ele começa com uma ironia dirigida aos historiadores. É um texto onde ele começa dizendo: *os historiadores não vão gostar desse texto*. E não vão gostar por quê? Porque ele oferece como justificativa para a escolha das histórias que faz, para a escolha da documentação, simplesmente a sua sensibilidade. Ou seja, ele não faz uma discussão metodológica. Então ele está dizendo: *os historiadores vão pedir que eu diga que método foi que me levou a escolher essas histórias, esses personagens*. E ele diz: *não, eu escolhi esses personagens pela emoção que eles me causaram, pela comoção que eles me causaram, pelos arrepios e lágrimas que eles me fizeram sentir no arquivo*. Que historiador confessa isso? Normalmente os historiadores choram nos arquivos. A gente ri no arquivo, a gente chora, a gente se arrepia, a gente se emociona, mas a gente reprime tudo isso. A gente tem vergonha disso.

Eu fiz parte, hoje de manhã, de uma banca de uma aluna de doutorado de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A gente pensa que em uma área como Letras, Literatura, a pessoa vai se colocar mais no texto. Não, pelo contrário, a moça não se coloca no texto. A moça não diz do lugar de fala dela. Por que alguém do Rio Grande do Sul está estudando literatura nordestina? Por que uma mulher está estudando dois autores homens? Nada disso, nenhuma fala, ou seja, e aí eu fiz essa crítica e ela respondeu isso: *não, porque não fica bem na academia a gente tá falando da gente!* Quer dizer, ainda tem isso. E aí Foucault vem e diz, tenha coragem de dizer que num texto escolheu aquelas histórias porque aquelas histórias o comoveram ou o mobilizaram. Ou seja, nós escondemos tudo isso nas discussões metodológicas, na introdução do trabalho. A gente até esconde quem nós somos, nós não falamos da gente.

Eu acho [que] *A vida dos homens infames* é um texto espetacular. Primeiro que é muito belo do ponto de vista literário, é muito bem escrito. E trata de quê? Trata de homens sem fama, trata de pessoas que chegaram até nós por causa da infâmia. Eles chegaram até nós porque foram infamados pelo poder, foram difamados pelo poder, ou seja, pessoas que se não tivessem trombado com o poder possivelmente teriam passado em branco na vida. Não teriam deixado rastros de sua existência, e nós não saberíamos, sequer, da existência deles. E Foucault vai fazendo uma abordagem muito

84 FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 199-217.

interessante, mostrando - porque ele trabalha com o período barroco, as documentações do período barroco -, como as narrativas sobre os crimes daquelas pequenas vidas eram escritas com uma escrita barroca, pomposa, sobrecarregada de imagens e adjetivos para falar de tão pouco. Para falar de um padre sodomita, para falar de um herege, para falar de um ladrão, para falar de um assassino, o poder sobrecarregava de palavras aquelas pessoas para produzir a sua infâmia e produzir a sua abjeção. Ou seja, a importância que o discurso tem.

É muito interessante, muito engraçado, uma pessoa que estava na banca hoje, uma professora de Letras dizer que mudar as categorias não muda o mundo. E eu perguntei a ela na hora da arguição: *Professora, se o mundo não muda através das mudanças nas categorias como é que ele vai mudar?* Quer dizer, a mudança das categorias é fundamental, é claro que não basta apenas as mudanças das categorias, mas a mudança começa com as mudanças das categorias. Por que que o movimento negro, hoje, o pensamento decolonial, por exemplo, diz que nós não devemos falar em escravos, mas devemos falar em *escravizados*? Parece uma bobagem, mas não é uma bobagem. Porque você dizer que alguém é escravo é dizer que aquela pessoa assumiu a escravidão como o seu ser, ou seja, ser escravizado significa que ele foi submetido à escravidão. Aquilo não constitui o ser dele, é uma coisa que lhe foi imposta pela força. Então faz muita diferença sim.

Então, chamar um livro de literatura regional ou não, faz muita diferença. Você atribuir e jogar o livro nessa gaveta da literatura regional faz muita diferença. E Foucault dá um banho nesse texto mostrando justamente como as categorias produzem a abjeção, produzem a infâmia de determinadas pessoas. Como os discursos são poderosos, como eles têm efeitos de poder terríveis, como os saberes são capazes de decidir vidas. Os discursos levam as pessoas à morte, gente! As palavras levam as pessoas à morte. Quantas pessoas não se suicidam na contemporaneidade por aquilo que as pessoas dizem delas nas redes sociais? Nós temos muitos casos de suicídio motivados pelas palavras que são agressões e que são ferimentos. As palavras ferem tanto quanto uma arma, então a gente tem que ter muito cuidado com o que a gente diz ao outro.

Muita gente aqui é professor ou vai ser professor e tem que ter muito cuidado com o que diz a um aluno. O professor pode gerar o suicídio de uma pessoa. Eu vivenciei em Natal um caso [de] uma aluna que chegou para estudar história com quase 50 anos [de idade], e eu costumo fazer na primeira semana de aula, uma conversa com cada calouro em particular. Para saber um pouco a história de vida, para saber com quem eu estou falando, porque essa ideia de [que] os alunos são todos iguais, são uma massa igual é inaceitável. Cada um ali tem uma história de vida. Chega ali com uma história. E ela com os olhos cheios de lágrimas disse: *Professor, eu só tô voltando a estudar com essa idade porque um dia um professor me chamou de burra na frente de todo mundo numa sala de aula. Eu nunca mais voltei à escola, e só tô voltando agora porque eu casei com um homem maravilhoso que vem há muito tempo me incentivando a voltar a estudar.* Então tenhamos muito cuidado com o que a gente diz aos outros. As palavras podem decretar o destino de uma vida.

E é isso que Foucault diz: *vidas decididas em poucas palavras*. Palavras que registraram essas vidas e que as mataram, que as transformaram em cinzas. Aqueles vereditos, aquele processo sumário registrou a existência daquelas vidas para matá-las. A responsabilidade que é um médico dizer para alguém *você é louco*. Eu não queria ter nunca esse poder terrível de dizer: *você está louco, interne-se!* Como o poder do psiquiatra forense de dizer: *você é imputável e, portanto, você pode ser condenado à prisão perpétua*

ou à pena de morte. Eu não queria jamais ter esse poder. Nós, como professores, temos muito poder e temos que refletir sobre isso. E temos que ter muito cuidado com o que dizemos, inclusive sobre os autores, para não causar justamente a abjeção de autores e a excomunhão de autores sem que as pessoas os leiam.

JOSÉ JÚNIOR: *Durval, eu queria retomar um pouco o tema do assumir-se homossexual, porque isso tem a ver com o modo de vida, me parece. A tua fala me fez lembrar de um texto do Foucault que fala sobre isso, como modo de vida. Eu fiquei pensando assim: quais foram os impactos, as tensões que isso provocou no teu trabalho profissional, nos bastidores da Unicamp, da vida profissional, do se formar pesquisador de excelência lá? Se o fato de ter se assumido gay provocou algum tipo de tensão, algum tipo de resistência, de crítica nesses bastidores da historiografia.*

DURVAL MUNIZ: Quando eu termino os créditos do mestrado, antes mesmo de escrever a dissertação, eu faço um concurso para a Universidade Federal da Paraíba, Campus II. Eu chego em julho da Unicamp e o concurso está marcado para outubro. Um concurso para história geral e do Brasil, para você ter uma ideia, ou seja, era a história da pré-história aos nossos dias. Então, eu me sento e passo agosto e setembro estudando para esse concurso, faço ele em outubro, e são trinta e poucos candidatos. No final ficam 3 para a prova didática, eu e mais duas pessoas, e eu sou o primeiro colocado com pouco mais de 21 anos. E sou contratado já em 1 de novembro de 1982, já entro na universidade. Eu tenho um pouco mais de 21, fiz 21 em junho quando entro na universidade. Eu sou de longe o professor mais novo da universidade. E mais uma vez vou ser professor de pessoas muito mais velhas do que eu, mesmo na universidade. Inclusive vou ser professor de colegas meus nos colégios de Campina Grande. Vou ser professor de Gervácio Batista Aranha⁸⁵, vou ser professor de pessoas que eram meus colegas de ensino, eu vou encontrá-los fazendo o curso, José Benjamin⁸⁶, por exemplo. Sou professor deles lá na universidade.

E eu vou encontrar, inicialmente, no departamento de sociologia (porque quando o curso de história é criado não existe um departamento de história, nós estamos dentro do departamento de ciências sociais), alguns dos meus ex-professores que haviam feito concurso para ingresso na UFPB. O meu foi o primeiro concurso público que a universidade fez, antes era um concurso apenas de currículos. E eu vou encontrar a Eliete, Martha Lúcia, Dona Zefinha, todos estão lá. Meus professores tornam-se meus colegas. E eu encontro o professor Waldomiro Cavalcanti e como eu chego da Unicamp trazendo novidades, eu chego trazendo Foucault, chego trazendo Thompson, eu começo a sofrer perseguição mesmo. Eu começo a sofrer uma perseguição daqueles que têm uma leitura tradicional do marxismo. É um momento, inclusive, onde há um grande conflito entre um PT nascente e os partidos comunistas tradicionais que tinham ficado durante muito tempo escondidos no interior do MDB [Movimento Democrático Brasileiro] e que acusam o PT de ser um projeto de Golbery⁸⁷ para dividir a esquerda. E o

85 Atualmente é professor no Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

86 Referência a José Benjamin Montenegro, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), atualmente aposentado.

87 Referência ao general Golbery do Couto e Silva (1911-1987), ministro da Casa Civil do Brasil no período de 1974 a 1981 e um dos articuladores do Serviço Nacional de Informação e da Doutrina de Segurança Nacional da Escola Superior de Guerra (DSN-ESG) durante a ditadura militar brasileira.

professor Waldomiro era muito [ligado] ao prestismo, ao Luís Carlos Prestes,⁸⁸ era um seguidor de Luís Carlos Prestes. Havia dentro do PCB essa ala prestista da qual ele fazia parte. Na verdade, eu também era visto como “o petista” e, ao mesmo tempo, o cara que está trazendo esses autores... Foucault e tal... E aí, veladamente, a minha sexualidade se torna a explicação para a minha forma de pensar. Eu era eclético, eu era confuso porque era gay. Então quem é homossexual, quem é gay deve ter algum problema mental, é uma pessoa que tem alguma confusão de identidade, não sabe se é homem ou se é mulher. E eu passei a sofrer esse tipo de crítica que não é, evidentemente, feita às claras, mas que circula nos bastidores. Fui acusado de ser existencialista porque eu queria resolver o meu problema, eu tinha um problema. Eu tinha um problema, eu queria resolver o problema do meu umbigo e por isso eu era existencialista e tal. Isso foi usado como arma contra mim, quer dizer, eu era confuso, era eclético, era existencialista. A homofobia campeava na esquerda, vocês sabem que a esquerda brasileira sempre foi campeã de homofobia. Se a direita é homofóbica, a esquerda brasileira nunca ficou atrás. Quer conhecer um homofóbico conheça um comunista clássico. Era extremamente homofóbico. Toda a *mise en scène* da esquerda tradicional é masculina. É machista e heteronormativa, vide por exemplo Fidel Castro,⁸⁹ sua grande barba e sua farda militar. O típico da liderança de esquerda, aquele homem macho, o macho por excelência. Todo mundo sabe, depois das narrativas feitas pelo Sirkis⁹⁰, pelo Gabeira⁹¹, pelo Herbert Daniel⁹² sobre o que os homossexuais sofreram dentro das organizações de esquerda, dentro inclusive das guerrilhas. Não podiam expressar a sua homossexualidade, quer dizer, eles eram tratados mais ou menos como faz a Igreja Católica: *no máximo você pode ser, só não pode expressar*. Não expresse, não seja, é a mesma coisa que o Papa falando, que Ratzinger⁹³ falando *seja, mas não expresse*, não manifeste a sua sexualidade.

Na cabeça dessas pessoas era patologia. Nós éramos doentes de alguma forma, era uma doença e infectava o pensamento. O que a gente pensava também era meio que doente. Então assim, eu sofri esse tipo de coisa. Eu era muito jovem, era muito corajoso e eu peitava, enfrentava, encarava. Eu lembro, por exemplo, de uma roubada em que eu entrei. Me chamaram uma vez, o Centro Acadêmico de História dominado pelos comunistas, me chamou para um debate sobre a Revolução Russa com o professor Waldomiro. E aí eu fiz uma fala que deve ter soado extremamente herética, porque eu disse que a Revolução Russa não foi feita apenas por operários e camponeses, mas as putas também fizeram a Revolução Russa, “viados” também fizeram a Revolução Russa, só que depois foram para o *gulag*, só que depois foram aprisionados e expurgados. Lembrei, evidentemente, do caso dos anarquistas. Os anarquistas fizeram parte da Revolução Russa e depois foram trucidados, que milhares de camponeses foram assassinados, ou seja, eu estava diante de stalinistas, coisa que eu já havia sido. Eu havia sido num determinado momento stalinista. Eu era professor nas escolas de segundo grau e dizia que a revolução era um acontecimento inexorável. A revolução viria e não importava que a burguesia se opusesse, um dia a revolução aconteceria. Eu fui um stalinista, e eu estava diante de stalinistas. E eu me lembro, justamente, que à medida em que ia falando eles iam tomando isso como uma provocação, eles iam

88 Luís Carlos Prestes (1898-1990), líder político comunista brasileiro.

89 Fidel Castro (1926-2016), líder comunista na Ilha de Cuba.

90 Alfredo Hélio Sirkis (1950-2020), escritor, roteirista e jornalista.

91 Fernando Paulo Nagle Gabeira (1941-), escritor e jornalista.

92 Herbert Eustáquio de Carvalho (1946-1992), conhecido como Herbert Danie, foi escritor, sociólogo, jornalista e guerrilheiro.

93 Joseph Aloisius Ratzinger, Papa Bento XVI (1927-2022).

ficando extremamente enraivecidos, então se levantam e vêm na minha direção, talvez para me bater. É quando, mais uma vez, a minha heroína Martha Lúcia se levanta, se coloca no caminho deles, manda eles se sentarem e escutar. O professor Waldomiro, do meu lado, ficava de toda cor, com raiva. Veja, eu me metia nessas coisas, eu enfrentava, mas era difícil, até perigoso.

Eu atraí logo muitos estudantes interessados por essa nova leitura da história, eu fiz um grupo de estudo que se reunia toda semana e a gente ia ler Thompson, ia ler Foucault. Aí na cabeça dessas pessoas eu estava formando quadros. Como a cabeça deles era isso, era formação de quadros para a revolução, eu estava formando quadros possivelmente para a contrarrevolução. A professora Marly Viana,⁹⁴ que era minha colega, também uma comunista, escutava as minhas aulas atrás da porta. Uma coisa que tinha acontecido comigo lá no segundo grau quando diretores de escolas ficavam atrás da porta ouvindo sobre o que era a aula, porque era o momento da repressão política, porque eram pessoas de direita. Pelo menos umas duas vezes eu abri a porta e os convidei para entrar porque eu percebi que a criatura estava atrás da porta.

Então assim, minha homossexualidade foi sempre um argumento desqualificador. Não digo que isso tenha sido superado completamente. Talvez ainda exista, muitas vezes, o uso desse argumento para desqualificar as coisas que eu faço. Só que não é politicamente correto hoje ninguém dizer isso publicamente. Claro, eu tive percalços familiares como todos os homossexuais vão ter, evidentemente, não como muitos porque há muito tempo eu tentava dizer a família e a família fugia claramente, não queria saber. Então um dia eu chego em casa e, por coincidência, a família está reunida, eu digo é agora, e aí eu sentei na sala e disse. Disse que estava, inclusive, saindo de casa para viver com uma pessoa, que é a pessoa que eu tinha conhecido em Campinas, no mestrado, e que estava vindo morar comigo. E assim, chorava a mãe, chorava irmã, o pai ficou vermelho, as veias do pescoço incharam, achei que ele ia ter um colapso. Mas eu já ganhava o meu dinheiro, eu saí de casa, fui morar com o meu companheiro e o meu companheiro conquistou todo mundo. Em pouco tempo o meu companheiro estava fazendo ceia de Natal para a família e a família toda estava indo para a ceia de Natal. A minha mãe sempre teve mais problemas com minha homossexualidade que o meu pai, surpreendentemente. Porque a minha mãe se sentia culpada porque ela havia criado a gente, ela se perguntava o que ela havia feito de errado. O meu pai não, ele sempre me respeitou muito, nunca deixou de demonstrar, inclusive, afeto publicamente. Meu pai me abraçava e me beijava publicamente. É uma pessoa de quem o meu companheiro atual, com quem estou há mais de 20 anos, se tornou quase um segundo filho, meu pai adorava ele. Inclusive, eu estava em Natal, ele em Campina Grande e quem cuidou do meu pai nos últimos tempos, nos últimos anos de vida foi ele, levando para médicos e para essas coisas todas.

Mas, claro, que foi usado assim: *eu tinha uma desordem subjetiva e mental e por isso eu me tornei um historiador pós-moderno, porque eu era meio desorganizado subjetivamente, tinha essa doença subjetiva chamada homossexualidade.*

ALAN ALVÃO: [...] *Ao longo dos anos você tem ministrado cursos e publicado textos sobre outros autores e autoras para pensar teoria e a historiografia. Então, a gente gostaria que você destacasse quais são esses autores e obras. E o peso que eles exercem nesse novo modo de pensar a história hoje.*

94 Marly de Almeida Gomes Vianna, professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atuou na Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus II), atual Universidade Federal de Campina Grande de 1983 a 1989.

DURVAL MUNIZ: Num determinado momento fui muito identificado como sendo um autor foucaultiano, uma pessoa que, junto com a Margareth Rago e um ou outro colega, trouxe Foucault para o campo da historiografia. A Margareth foi minha professora quando eu voltei para a Unicamp para cursar o doutorado. Ela é minha professora e, mais do que professora, tornou-se uma grande amiga, uma grande referência. A Margareth é uma pessoa extremamente generosa, ela tem uma importância muito grande na projeção do meu nome nacionalmente, justamente, porque ela me leva para a rede de foucaultianos do Brasil. Há muito tempo que se realiza um Colóquio Internacional Michel Foucault, eu estou presente desde o primeiro colóquio que ocorreu na UERJ [em 1999], e isso me coloca em contato com pessoas das mais diferentes áreas do conhecimento: filósofos, educadores, psicólogos, pessoas do campo das letras, cientistas sociais. O que fez inclusive me tornar uma pessoa que circula por vários campos do saber. Eu não sou exclusivamente um historiador, sou uma pessoa que é convidada para participar de eventos e bancas das mais diferentes áreas, como por exemplo a educação matemática. Ainda recentemente fiz parte de um congresso nacional de educação matemática. Eu circulo por várias áreas justamente por causa do caráter, inclusive, multidisciplinar que o uso de Foucault tem no Brasil. O Brasil é um dos países que mais utiliza Foucault, onde Foucault tem uma grande recepção e isso o encantava. Por isso ele era encantado pelo Brasil. Ele veio ao Brasil várias vezes, pensou, inclusive, em morar no Brasil, e ele ficou muito impressionado com a forma criativa como se lia ele no Brasil.

Mas eu estou longe de ser apenas um leitor de Foucault. Primeiro, Foucault me levou a outros autores, ele me levou a Nietzsche, a [Gilles] Deleuze, e [Félix] Guattari. Fui aluno e orientando do Alcir Lenharo⁹⁵ no doutorado na Unicamp. Alcir Lenharo é o introdutor da leitura de Deleuze e Guattari na historiografia brasileira, ele foi o meu verdadeiro orientador no doutorado, porque Robert Slenes foi meu orientador oficialmente, mas o “Bob” foi para os Estados Unidos e quem assumiu a minha orientação foi o Alcir e foi um excepcional orientador e um grande amigo. Alguém que recebia meu texto, ligava para falar do texto, ficava horas e não me deixava retornar, ele gastando o dinheiro dele no telefone, fazendo as orientações extremamente entusiasmado pelo texto. Um texto enorme, de mil páginas, que resultou depois no livro *A invenção do Nordeste*⁹⁶. A tese *O engenho anti moderno: a invenção do nordeste e outras artes*⁹⁷ tem mil páginas. É uma coisa que a gente só faz uma vez na vida, e a gente termina de óculos, buchudo e careca como o Robert Slenes me disse que eu iria terminar. Ele foi profético. Então eu fui ler toda filosofia da diferença, o pós-estruturalismo, aí fui para [Jacques] Lacan,⁹⁸ aí fui para [Georges] Bataille,⁹⁹ ou seja, vai para toda essa verdadeira constelação de autores excepcionais dos anos 1960 na França, como [Georges] Dumézil,¹⁰⁰ [Georges] Canguilhem,¹⁰¹ [Jacques] Derrida,¹⁰². Claro, continuo

95 Alcir Lenharo (1946-1996), historiador e professor da Unicamp.

96 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

97 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O Engenho Anti-Moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 1994. Disponível no repositório digital: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/96855>. Acesso em 23 de jan. 2023.

98 Jacques Lacan (1901-1981), médico e psicanalista francês.

99 Georges Bataille (1897-1962), escritor e crítico literário francês.

100 Georges Dumézil (1898-1986), filólogo e cientista da religião.

101 Georges Canguilhem (1904-1995), médico e filósofo francês.

102 Jacques Derrida (1930-2004), filósofo francês.

lendo no meu campo, a Escola dos *Analles*, aí você vai para Michel de Certeau,¹⁰³ Paul Veyne.¹⁰⁴ Quer dizer, Foucault leva a Paul Veyne, Paul Veyne leva a Foucault. Michelle Perrot¹⁰⁵ leva a Foucault, Foucault leva a Michelle Perrot. Arlette Farge¹⁰⁶ leva a Foucault, Foucault leva a Arlette Farge. Foucault leva aos historiadores e a outros tipos de pensadores. E aí, claro, eu dialogo hoje com autores como Georges Didi-Huberman¹⁰⁷ que descobri em Portugal. Estava fazendo o meu pós-doutorado em Portugal, vejo um livro na estante da livraria da Biblioteca Nacional de Portugal, chamado *Imagens apesar de tudo*.¹⁰⁸ Comecei a folhear, fiquei encantado e comprei o livro imediatamente. Assim você descobre um autor, você descobre um universo porque Georges Didi-Huberman me leva de volta a Walter Benjamin, me leva a Bataille, me leva a [Aby] Warburg¹⁰⁹, vai trazendo uma série de outros autores. Os autores vão trazendo outros autores. Eu sempre tive enorme curiosidade, eu não fico preso a nada.

Com a Margareth [Rago] eu também tive contato com os estudos de gênero, com o feminismo, e aí vou para esse campo. Faço a minha pesquisa posterior à pesquisa do doutorado, que resultou no livro *Nordestino: uma invenção do falo*¹¹⁰, que pratica uma abordagem de gênero, é um estudo pioneiro de masculinidade no Brasil. Eu não estudo o feminino, eu vou estudar o masculino pioneiramente. Evidentemente que tem a ver inclusive com a homossexualidade, porque o masculino me interessa e me interessa problematizar o masculino. O masculino machista naturalizado, ainda mais a figura do cabra macho nordestino que me diz, evidentemente, respeito diretamente. Quando eu estava fazendo a minha prova de memorial para professor titular, uma pessoa que era da banca, e que não era muito simpática a mim, disse que eu sempre pesquisava aquilo que eu já conhecia, aquilo de que eu estava próximo. E eu disse: É verdade, eu sempre pesquiso aquilo no qual eu estou implicado, eu pesquiso aquilo que tem a ver com a minha vida. Aí eu tive que dizer para ela que eu aprendi, inclusive com as ciências sociais, da qual ela era uma representante, que o mais difícil é a gente estranhar o que está próximo. O mais difícil é, justamente, problematizar, tornar problema aquilo que nos afeta diretamente, porque implica uma auto-problematização. Problematizar aquilo que nos atravessa, aquilo que nos constitui significa questionar a si próprio. E para mim toda pesquisa tem uma dimensão existencial.

Quem já leu as minhas obras sabe que, quase sempre, eu começo a obra mostrando a ligação que ela tem com a minha vida. Como todas elas têm a ver com algum aspecto da minha vida, e como fazer aquela obra foi problematizar esse aspecto da minha vida, foi problematizar esse aspecto da minha existência. Não que eu fique, evidentemente, numa coisa de umbigo, mas eu tento, justamente, pensar aquilo que me atravessa e me constitui como sujeito. Problematizar a nordestinidade que me constitui como sujeito, a masculinidade nordestina que me constitui como sujeito, a cultura nordestina que me constitui. Tudo aquilo que eu tenho estudado me constituiu e me constitui. E foi a minha tese que me colocou no campo da história dos espaços. Desnaturalizar os espaços e pensar o espaço

103 Michel de Certeau (1925-1986), historiador francês e jesuíta.

104 Paul Veyne (1930-2022), historiador francês.

105 Michelle Perrot (1928-), historiadora francesa e professora emérita da Universidade Paris VIII.

106 Arlette Farge (1941-), historiadora francesa vinculada ao Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNRS, na sigla em francês).

107 Georges Didi-Huberman (1953-), historiador da arte e filósofo francês.

108 DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Tradução: Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

109 Abraham Moritz Warburg (1866-1929) historiador da arte alemão.

110 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino, uma invenção do falo: uma história do gênero masculino** (Nordeste, 1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013

como uma construção histórica, e aí também me levou à leitura da geografia crítica, da geografia humanista, daqueles campos da geografia que já questionaram a naturalização dos espaços. Desde a geografia marxista, à geografia crítica com o Milton Santos,¹¹¹ por exemplo, um grande nome, um grande intelectual brasileiro de fama internacional, um dos poucos intelectuais negros brasileiros de projeção internacional e a geografia humanista, o Yi-Fu Tuan.¹¹² Hoje eu trabalho, por exemplo, com um antropólogo britânico, Tim Ingold,¹¹³ que também tem a ver com essa questão do espaço. O Tim Ingold trabalha com a caminhada, quer dizer, as linhas, os percursos, os trajetos como sendo constitutivo da própria forma humana.

Então eu sou uma pessoa muito curiosa, uma pessoa que está o tempo todo em deslocamento, sempre lendo outra coisa. Estou lendo outros autores sem deixar, evidentemente, de voltar à minha formação. Inclusive a minha formação marxista. Nunca reneguei a minha formação marxista. Marx está presente em todos os autores do século XX. Todos os autores do século XX dialogam com Marx, como dialogam com [Sigmund] Freud,¹¹⁴ como dialogam com Nietzsche. Assim, não dá para entender nenhum autor do século XX sem esse diálogo. E daí, claro, o existencialismo, a fenomenologia e, claro, a partir do momento em que surgiu a problemática da escrita da história - porque depois que voltei do doutorado me especializei na área de teoria da história e história da historiografia. Eu vou ler também sobre a escrita, é preciso – uma coisa que os historiadores fazem pouco – ler sobre o que já foi escrito sobre a palavra, sobre a linguagem. E aí eu vou ler os linguistas, os formalistas russos, o círculo linguístico de Praga, de Moscou, quer dizer, eu vou ler porque não gosto de falar das coisas sem ler, como algumas pessoas fazem. Falam sem ler. Aí eu vou ler a filosofia da linguagem, [Ludwig] Wittgenstein,¹¹⁵ fui ler os grandes nomes da linguística como o [Émile] Benveniste,¹¹⁶ até a filosofia da linguagem, Paul Ricœur.¹¹⁷ Assim como fui ler os brasileiros todos que trabalham com essas coisas. Então, à medida que os meus interesses vão mudando, eu vou lendo outras coisas. Eu estou sempre lendo. Costumo ler três livros ao mesmo tempo. Então, estou sempre lendo três livros ao mesmo tempo, um livro de literatura, um livro mais do campo filosófico teórico e um livro do campo historiográfico. Estou sempre lendo três coisas diferentes ao mesmo tempo, porque também a literatura me interessa muito. A literatura é uma coisa que alimenta muito o meu trabalho, não apenas do ponto de vista do aprender a escrever mas também da reflexão sobre a palavra, sobre a linguagem. A literatura foi central n' *A invenção do Nordeste*. Uma coisa fundamental que o doutorado me permitiu foi ler, uma coisa que eu não tinha tido tempo de fazer, ler grande parte da literatura brasileira, notadamente, da literatura escrita por pessoas nascidas no Nordeste. Então ler Jorge Amado inteiro,¹¹⁸ ler Graciliano [Ramos]¹¹⁹ inteiro, ler José Lins do Rego¹²⁰ inteiro, foi um prazer que me dotou, evidentemente, de

111 Milton Santos (1926-2001), geógrafo brasileiro.

112 Yi-Fu Tuan, geógrafo sino-americano (1930-2022).

113 Tim Ingold (1948-), antropólogo britânico e professor da Universidade de Aberdeen.

114 Sigmund Freud (1856-1939), médico e psicanalista alemão.

115 Ludwig Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco.

116 Émile Benveniste (1902-1976), linguista francês.

117 Paul Ricœur (1913-2005), filósofo francês.

118 Jorge Amado (1912-2001), escritor baiano.

119 Graciliano Ramos (1892-1953), escritor alagoano.

120 José Lins do Rego (1901-1957), escritor paraibano.

uma capacidade de hoje estar dialogando sobre modernismo. Esse ano, sou convidado para discutir moderno, modernismo etc. Eu estou sempre me interessando por coisas que eu não domino, lendo novos autores. Leio um livro e vejo a referência a alguém que eu não conheço, se eu puder eu vou lá ler.

JOSÉ JÚNIOR: *Eu acho que essa é uma postura interessante, pode até parecer óbvio, um repertório amplo que um historiador tem que ter, mas eu acho que falas nessa direção, o modo como tu escreves, a variedade de temas e de autores que caracterizam um pouco a tua trajetória, eu acho que isso ensina para nós [por um lado] sobre a importância da especialização, de você ter um eixo teórico-metodológico que alimenta a tua escrita, o teu modo de conceber a história. Mas [por outro lado, isso] de maneira alguma te tornou vulnerável a cair numa hiperespecialização em que só se fala única e exclusivamente da tese ou de alguma coisa muito próxima. Então, tu tens textos muito interessantes em que fala sobre o Paul Ricœur, fala sobre o Hayden White,¹²¹ fala sobre vários autores e, mais recentemente, tu tens feito cursos sobre o pensamento africano contemporâneo. [Tem] deslocado muito o modo de pensar a história trazendo outras questões, [como, por exemplo] o que as mulheres africanas, pensadoras africanas têm pensado. Então, nesse sentido, eu queria colar um pouco na pergunta do Alan: disso que tu estás lendo agora, e falou que lê três livros simultaneamente, o que poderia destacar para nós?*

DURVAL MUNIZ: Eu estou acabando de ler *No centro da etnia*¹²² que é uma obra que, justamente, problematiza a noção de etnia, mostrando como etnia é, em grande medida, uma invenção do colonizador. É o colonizador que inventa as etnias, notadamente, na África. Da mesma forma que o colonizador inventa as nações africanas no Brasil: nação Mina, nação Angola não tiveram uma existência concreta. Mina na verdade é o porto de embarque dos escravizados que se transforma numa identidade, numa forma de identificação e classificação dessas pessoas no Brasil. Assim, Mina, Nagô, são em grande medida, invenções dos colonizadores. Então, eu tenho lido muitos autores africanos, desde o Achille Mbembe, por exemplo, que é uma pessoa que me interessa muito, é um pensador africano, desde os clássicos da negritude, Aimé Césaire,¹²³ Senghor¹²⁴, Frantz Fanon¹²⁵ até os autores mais contemporâneos, Chimamanda Adichie, tenho lido, inclusive, literatura africana, muita literatura africana, não apenas pensadores africanos, historiadores africanos, mas tenho lido literatura africana. Eu gosto muito da literatura africana.

Quando eu estava em Portugal conheci muitos autores africanos, porque a África tem uma presença bastante grande em Portugal, muito mais do que no Brasil. A tevê portuguesa tem notícias sobre a África quase toda noite, você tem programas semanais voltados para a África. Na Europa, nas tevês públicas europeias. Na França você também vai ter isso. Quer dizer, nós é que temos esse total desconhecimento da África. Aqui, Ciro [Gomes]¹²⁶ é capaz de falar *no fundão da África*, né? Que é a cara dele. *Fundão da África* é a cara dele. Assim, nós somos, em grande medida, e precisamos

121 Hayden White (1928-2018), historiador estadunidense.

122 AMSELE, Jean-Louis M'BOKOLO, Elikia (org.). *No centro da etnia*: etnias, tribalismo e Estado na África. São Paulo; Vozes, 2017.

123 Aimée Césaire (1913-2008), poeta e dramaturgo martinicano.

124 Léopold Sédar Senghor (1906-2001), político e escritor senegalês.

125 Franz Fanon (1925-1961), psiquiatra e filósofo antilhano.

126 Menção a Ciro Gomes (1957-), político brasileiro vinculado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PDT).

conhecer a África porque nos constitui, 54% da população brasileira é afrodescendente. Quer dizer, essa historiografia eurocentrada não tem mais cabimento. Está na hora dos cursos de graduação em história serem completamente revistos. Está na hora de a gente pôr fim em um currículo organizado em torno da história da civilização e da história da nação. Nós já fizemos a crítica a isso e não temos coragem de dismantlar os cursos de história que ainda giram em torno da história da civilização e da história da nação. Assim, na hora que a gente vai discutir currículo voltamos sempre para isso, caímos sempre nisso. No máximo vamos colocando adendos, colocando ali uma história da África, uma história indígena. Mas vai tirar a história antiga, ou tirar a história medieval que o mundo cai. É história europeia, é história, em grande medida, europeia, não se estuda nem história medieval e antiga de outros povos, ou estuda de outros povos do ponto de vista da Europa. A gente estuda a história do Egito do ponto de vista que a Europa contou.

Então, eu tenho, portanto, trabalhado muito com a questão do corpo. Eu tenho um grupo de pesquisa chamado *Corpus*, um grupo de pesquisa sobre a história do corpo e das sensibilidades. Tenho discutido muito a ausência do corpo na escrita da história. Como a escrita da história não só não leva em conta a corporeidade de seus personagens, como muito menos reflete sobre a corporeidade de quem escreve a história. É como se nossos corpos não tivessem nenhuma relação com o que a gente escreve. Eu falei da minha homossexualidade, justamente, para mostrar como os nossos corpos e os nossos desejos têm a ver com as nossas opções temáticas, teóricas, inclusive, com a forma como a gente escreve. Assim, como é que alguém negro escreve história e isso não tem a ver com o que ele escreve? Ou seja, não é aceitável isso. A nossa materialidade é o corpo, a nossa presença no mundo é a corporeidade. Então, tudo o que a gente faz, faz parte¹²⁷ do corpo. É um corpo que pensa. Não existe um pensamento fora do corpo, abstrato. Normalmente a gente pensa a cabeça como se fosse uma coisa deslocada da corporeidade. Quer dizer, o pensamento é erótico. O pensamento é produto de uma erótica, de uma libido, do desejo, da paixão, das emoções. O pensamento não é apenas racional, ele é também emocional, afetivo, memorativo, imaginativo. Então, a gente tem que romper com a hierarquia kantiana das faculdades. A razão não governa as outras faculdades. A razão convive com as outras faculdades e dialoga com elas. Então o nosso pensamento é afetivo, e emocional. A gente reage, argumenta e pensa através das afecções que o mundo faz aos nossos corpos. O nosso pensamento é produto de afetos. E isso está lá em Nietzsche, isso é a grande novidade de Nietzsche. Em Nietzsche o filósofo tem corpo, o filósofo tem saúde e doença. São duas categorias centrais na filosofia de Nietzsche. Há o pensamento da doença, há o pensamento da saúde. Para Nietzsche há uma filosofia da doença e uma filosofia da saúde, como é remédio se ler [Baruch] Spinoza.¹²⁸ Daí porque Spinoza volta, porque Spinoza vai falar justamente das paixões tristes e das paixões alegres. Há um pensamento fruto das paixões alegres. Vocês conhecem vários textos historiográficos que são frutos das paixões tristes. Existe muito texto historiográfico que é produto da inveja, que é produto do despeito, que é produto da raiva, que é produto do ódio, que é produto do ressentimento, ou seja, são textos que são produtos das paixões tristes. A gente sabe disso. A gente sabe que há textos que são escritos para atacar um colega, embora você não fale o nome dele nunca. Quer dizer, no Brasil isso é muito típico. Você faz a crítica ao autor europeu para criticar, na verdade, o seu colega do lado. Quantos textos não são motivados

127 No sentido de provém.

128 Baruch Spinoza (1632-1677), filósofo holandês.

por rivalidades, às vezes, pelos sentimentos mais baixos? Como diria Nietzsche, a tese fundamental da *Genealogia da Moral*, é que os nossos valores morais nascem dos sentimentos mais baixos.¹²⁹

Eu acho que, se queremos decolonizar o pensamento, a gente tem que pensar justamente em uma outra racionalidade. E por isso os africanos me interessam muito. Me interessam porque na cultura africana a corporeidade tem uma centralidade muito grande. Nas culturas africanas, a dança, a música, a presença do corpo, que era uma das coisas que mais escandalizava os europeus, têm centralidade. E, por extensão, na cultura brasileira. Não há povo mais corporal do que nós. Nós estamos o tempo todo observando o corpo dos outros, olhando para os outros: a criatura vem, a gente olha, ela passa, a gente continua olhando, se volta e fica olhando a traseira da criatura que passou. Nós o tempo todo fazemos isso, muito ao contrário dos europeus que ficam fazendo cara de paisagem e que ficam fazendo que não estão vendo uns aos outros. Nós não só nos vemos como [nós] nos pegamos¹³⁰ o tempo todo. Eu fico imaginando um político como Luís Inácio Lula da Silva na Inglaterra. Ele abraça todo mundo, ele beija todo mundo, ele chama todo mundo para o *pé da barriga*. O que seria na Inglaterra? Onde as pessoas são *não me toques*, ou nos Estados Unidos? Temos uma outra forma de ser. Ainda hoje ele fazia um discurso dizendo para a coordenação de campanha dele, que ele não gosta de celular, ele gosta é do corpo a corpo, de pegar, de olhar... O que ele tem feito mesmo com todos os problemas de segurança. Ele tem descido do palco e ido se agarrar com a criatura lá embaixo. Ele fez isso no Pará, ele fez isso no Maranhão, foi se atracar com as pessoas lá embaixo. Os seguranças ficam loucos com ele. Então, há outra forma de entender o político onde há a corporeidade, o afeto, o envolvimento. Não é uma coisa racional. Não é a ideia da ciência política. E não há criatura mais sábia politicamente, mas a gente pode dizer que esse saber tem a ver com esse corpo a corpo. A sabedoria política de Lula vem dessa capacidade de descer ao nível de todo mundo, de conversar e ouvir todas as pessoas, de tocar as pessoas, de olhar no olho, ver a lágrima, ver o sorriso. Isso é uma coisa que os intelectuais também teriam que fazer, descer do pedestal e se deixar tocar pelo outro.

JOSÉ JÚNIOR: *Então seria uma racionalidade corpórea, erótica e afetiva. É isso que o senhor está pensando e propondo? Uma racionalidade para como olhar para as fontes, para como pensar a história, tanto do passado como do presente que nos circunda?*

DURVAL MUNIZ: Exatamente. Por exemplo, por que a gente oblitera o fato de que quando a gente vai ao arquivo, o arquivo nos toca? Nos afeta? O arquivo nos emociona? Quantas vezes o historiador conta na sua tese que se emocionou no arquivo? Que chorou no arquivo? Que se arrepiou no arquivo? Que riu no arquivo? E que escolheu determinado episódio porque o emocionou? Quem tem coragem de fazer isso? Michel Foucault. Na abertura de um dos mais lindos textos dele, *A vida dos homens infames* (ver nota 82). [...].

Ora, eu há muito tempo defendo que o texto de história que faz efeito é aquele que toca as pessoas. Quer dizer, o texto de história capaz de mobilizar as pessoas, é o texto que vai mudar as pessoas. O texto que muda a gente não é o texto mais racional, não é o texto de argumentos mais convincentes ou os mais brilhantes, mas é aquele que é capaz de nos mobilizar, que é capaz de nos mover por dentro.

129 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

130 No sentido de “tocamos”.

Porque a emoção, a comoção significa movimento, etimologicamente é o movimento, movimenta o nosso interior. Daí porque para mim a escrita da história tem uma enorme importância, porque o efeito que o texto do historiador vai fazer depende de como é escrito, depende do tipo de reação, afeto que o texto provoca. As teses de Florestan Fernandes podiam ser as mais brilhantes, mas o texto de Florestan não tinha a menor capacidade de nos mobilizar, ao contrário, gerava reação e rejeição. Ou seja, você abandona um texto daquele, ao contrário de um texto que te atrai, que te seduz e que te faz sentir prazer que é o texto de Foucault. Que é o texto de Gilberto Freyre, com todo o perigo de Gilberto Freyre. Gilberto Freyre é capaz de nos convencer das coisas mais reacionárias por causa do caráter sedutor da sua escrita, da sua narrativa. Por isso Freyre é um clássico e será sempre um clássico. Um clássico é um texto bem escrito. É o texto que fica na cabeça das pessoas, que marca as pessoas ao ser lido.

Eu tenho tido muita alegria de ver que o [livro] *A invenção do Nordeste* é um texto que marca as pessoas e marca por causa da escrita. Isso eu tenho certeza, é por causa da forma. Não é mera coincidência que o livro se transformou em inspiração para artistas. Um texto não se torna inspiração para artistas se não tiver essa capacidade de mobilizar, inclusive, a dimensão estética. Então há uma questão estética ali. Eu acho que os historiadores têm que ter uma preocupação com aquilo que Roland Barthes chamava de prazer do texto.¹³¹ O texto tem que dar prazer. Paul Veyne diz isso. Paul Veyne defende em *Como se escreve a história*¹³² que a história se escreve fundamentalmente para dar prazer, que é uma tese herética para a época que ele escreveu, começo dos anos 1970. Quer dizer, ele que era um grande amigo de Foucault - Foucault dizia que ele era o único amigo homossexual que ele tinha, ficava zombando com o Paul Veyne que ele era o único homossexual que era amigo dele - vai dizer que o texto de história tem uma função estética que é a de dar prazer. De informar evidentemente, mas de mudar formas de pensar, formas de ver e de sentir o mundo. Mas eu acho que um texto faz efeito na medida em que ele é bem escrito, na medida em que ele fala com o leitor. Porque o problema é que os historiadores escrevem mais para si mesmos do que para um leitor. Muitas vezes os historiadores ficam se questionando o porquê que os jornalistas escrevem história e fazem tanto sucesso. É porque jornalista aprende a escrever para o leitor. Por exemplo, eu agora tenho a experiência de escrever toda semana para o *Diário do Nordeste*¹³³ e tenho que escrever pensando no leitor. Tenho que escrever um texto que seja acessível para o leitor do jornal. Eu não escrevo para os meus colegas historiadores, nem penso neles, escrevo para o leitor médio em geral. E a gente quando está escrevendo história normalmente está pensando no colega. A gente não está pensando no leitor.

JOSÉ JÚNIOR: *Durval, tu tens passado por diferentes instituições. Uma pessoa que dedica todos os seus anos a uma universidade, um departamento, isso tem muito valor e garante a sua inserção profissional etc. Mas olhando para a sua trajetória é diferente. Porque não é uma formação endógena, tu passaste por instituições do Nordeste, por instituições do Sudeste do país, por instituições da Espanha e Portugal nas ocasiões em que foi fazer pós-doutorado. Foi orientador de programas de pós-graduação na área de sociologia. Circula pelo campo da filosofia, da geografia, da educação na forma de participação em bancas e coisas dessa natureza.*

131 Referência ao livro BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Edições 70, 2009.

132 VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 1998.

133 Refere-se à atividade como colunista semanal do jornal *Diário do Nordeste*. Coluna disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/durval-muniz-de-albuquerque-jr>. Acesso em 23 de jan. 2023.

Considerando isso que você estava falando, uma sensibilidade em relação ao corpo, um cuidado em relação a essa dimensão estética da escrita, pelas tuas andanças, digamos assim, interdisciplinares, [pergunto]: tu sentes que os novos sociólogos, da segunda metade do século XX ou dos anos 2000, os educadores lá nos PPGs¹³⁴ em Educação, eles estão mais atentos em relação a essa estética da escrita, em relação ao corpo, do que nós historiadores que ainda temos, às vezes, uma visão que, de acordo contigo, parece meio conservadora?

DURVAL MUNIZ: Depende da área. Eu acho que, por exemplo, os antropólogos, faz tempo, estão mais atentos para isso. Não é mera coincidência que Marcel Mauss¹³⁵ é alguém que, já no começo do século XX, falava das técnicas corporais e estava preocupado com as construções dos corpos. É claro que as pessoas no campo do feminismo, dos estudos de gênero, dos estudos de sexualidade, da teoria queer, do campo das transgeneridades, eles têm uma discussão mais afinada dessas questões. São pessoas que estão muito mais antenadas com esse tipo de discussão do que os nossos colegas. Ainda há colegas na nossa área, como nós vimos recentemente, achando que os eventos têm apenas uma versão, uma única versão verdadeira que, quase sempre, é a dele. Ao mesmo tempo acho que isso, muitas vezes, nasce dessa falta de diálogo com outras áreas. Essa abertura para você conhecer o que está se passando em outras áreas. Eu sou convidado, inclusive, para departamentos de letras, de literatura. Então, eu circulo realmente e, claro, eu acho que tem a ver com a minha preparação do ponto de vista teórico mesmo. O que articula essas áreas é o pensamento pós-estruturalista, as filosofias da diferença, é esse universo filosófico pelo qual eu navego e que aí tem inserção em vários campos e não por causa que eu domine todos esses assuntos.

Veja, eu como orientador tenho uma concepção muito diferente de muitos dos meus colegas. Muitos colegas acham que só podem orientar sobre aquilo que eles dominam, então eles orientam sempre as pesquisas parecidas com as deles. Eu acho que orientar, primeiro, é saber orientar uma pessoa para fazer um trabalho acadêmico. O que é um trabalho acadêmico? O que é o gênero tese? O que é o gênero dissertação? Quais são as regras desse gênero? E segundo, é o diálogo teórico. É oferecer possibilidades de abordagem e de diálogo com aquela pessoa, porque sobre o assunto quem tem que saber é o orientando. Eu não tenho que saber sobre o cangaço para orientar cangaço. Eu não tenho que saber sobre alimentação no Ceará para orientar um trabalho sobre alimentação no Ceará, quem tem que saber é a minha orientanda que está fazendo o trabalho sobre alimentação no Ceará. Eu vou ser um leitor crítico do trabalho dela. Eu vou fazê-la cumprir as exigências do gênero narrativo e tal. Por isso eu acho que eu tenha essa abertura para outras áreas e temas.

Acho que é muito importante a gente sair da nossa própria capitania hereditária e ir andar em outros lugares, porque a gente vai ver as coisas de uma outra perspectiva. A gente vai, inclusive, entrar em contato com formas diversas de problematização. Por exemplo, eu já fui membro de banca da área do design, do desenho industrial, é uma outra forma de olhar para o mundo. É claro que tem a ver com o fato de que sou leitor do Didi-Huberman, porque eu discuto imagem, porque eu discuto o caráter histórico das imagens, do imaginário, da construção da visualidade, das visibilidades, então por isso eu vou para uma banca de desenho industrial. E vou aprender com eles enormemente. Eu aprendo com

134 Programas de Pós-Graduação.

135 Marcel Mauss (1872-1950), antropólogo francês e sobrinho de Émile Durkheim (1858-1917), um dos fundadores da sociologia como ciência autônoma.

os meus orientandos, eu prefiro orientar uma coisa que eu não sei porque eu vou aprender. Se eu ficar orientando o que eu já sei, eu não saio do canto. Eu vou ficar ali praticando um onanismo intelectual, vou ficar ali na masturbação da mesma coisa. Quer dizer, eu gosto de orientar coisas que eu não sei, eu gosto de orientar coisas que eu vou aprender com aquela pesquisa. Aquela pesquisa vai ser uma experiência de aprendizado para mim. Como eu gosto de ir para bancas de assunto que eu não domino propriamente, que vou dar uma contribuição do ponto de vista da discussão, da estrutura do trabalho, das discussões teóricas, mas que vou aprender com a pessoa, vou aprender sobre o assunto que eu não sei e sobre o qual não tenho pesquisa. E acho que tem muitos colegas que têm uma visão equivocada, por exemplo, eu tenho colegas que só orientam sobre os temas que estudam e não aceitam que os orientandos, inclusive, citem autores que eles não dominam e não conhecem. Quer dizer, proibem que se leiam coisas diferentes. Olha, eu adoro que as pessoas tragam coisas diferentes, autores diferentes. E, claro, eu também não exijo que nenhum orientando me cite, que é uma coisa horrível. Porque tem colegas que exigem que o orientando o cite o tempo todo. Às vezes faz essa cobrança na banca, que é uma coisa constrangedora. Na hora da banca: *Você não me citou?*. É uma carência, é a manifestação de uma carência afetiva, *me cite, por favor*. Eu não tenho essa coisa, acho muito constrangedor quando alguém vai para a banca e fica cobrando que o aluno não o tenha citado no trabalho, mas isso acontece muito. E aí sim, claro, há orientadores que proibem que cite o seu desafeto acadêmico, não pode citar aquela outra pessoa. Então isso existe e tudo isso a gente está falando de quê? De relações de poder. Nós estamos falando, inclusive, de relações afetivas interferindo nos trabalhos acadêmicos. É que a gente faz de conta que não. Os trabalhos acadêmicos são influenciados pelos afetos e desafetos, paixões, sentimentos. Aquela pessoa que estava apaixonada por outra num dado momento e que cita ela o tempo todo nos trabalhos e que, depois da ruptura, fica absolutamente arrependida de ter citado no trabalho. Que é a mesma coisa que a pessoa que está apaixonada por alguém fazer uma tatuagem e depois a relação acaba e não sabe o que fazer com a tatuagem. É o mundo acadêmico, gente. Não está fora do mundo social. Ele é atravessado por todas as coisas altas e baixas do mundo humano. Está lá na academia tudo: competição, inveja e ressentimento são paixões que movem o mundo acadêmico.

ALAN ALVÃO: *Professor, aliada à sua inserção historiográfica esteve presente também uma dimensão política de atuação institucional na ANPUH. Como foi a sua experiência na gestão [...]? E quais os desafios da época comparados aos de hoje?*

DURVAL MUNIZ: Bem, ao contrário do que foi dito na época, quando eu fui indicado pelo Manoel Salgado¹³⁶, que era o presidente que estava saindo para eu lhe suceder, sou um militante da Anpuh desde aluno. Eu fui ao meu primeiro encontro nacional da Anpuh, em 1981, em João Pessoa, ainda como aluno de graduação. E os encontros da Anpuh tiveram enorme importância na divulgação do meu nome nacionalmente, na construção do meu nome nacionalmente. Eu sempre, a partir do momento em que me tornei professor universitário, comecei a oferecer minicursos em todos os encontros nacionais da Anpuh. E os meus minicursos, normalmente, contam com muita gente. E foi através deles que o meu nome foi sendo conhecido por pessoas do Brasil inteiro. Hoje eu tenho grandes colegas, colegas muito

136 Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães (1952-2010), historiador e professor.

importantes que foram meus alunos nesses minicursos. O Fernando Nicolazzi,¹³⁷ por exemplo, que é um grande nome na historiografia gaúcha na área da teoria e da história da historiografia, o Nicolazzi era um estudante, quando foi meu aluno em um minicurso no Rio de Janeiro. Então, muita gente passou por mim nesses minicursos e eu fui sendo conhecido nacionalmente.

A partir de um determinado momento eu conheci o Manoel, e conheci o Manoel Salgado Guimarães numa Anpuh em Pernambuco, apresentado por um colega lá de Sergipe, o Francisco José Alves¹³⁸. Ele me apresentou em um almoço, o Manoel. Surgiu imediatamente uma amizade muito grande. O Manoel era uma pessoa sedutora, um homem belíssimo do ponto de vista tanto físico como subjetivo e um homem de uma erudição e de um brilhantismo do ponto de vista do pensar, do falar. E era uma pessoa agradabilíssima. A gente tinha uma grande sintonia. Éramos ambos homossexuais, ambos tinham essa visão irônica e sarcástica do mundo. O Manoel era um homem extremamente sofisticado, um homem que fez uma pós-graduação na Alemanha. E dessa amizade surgiu a organização de um simpósio temático em torno da história da historiografia e da teoria da história na Anpuh, que começou numa outra Anpuh de João Pessoa.

Nós criamos esse simpósio temático que existe até hoje e que é oferecido em todos os simpósios nacionais. Hoje eu divido o simpósio, quase sempre, com o Temístocles Cezar,¹³⁹ do Rio Grande do Sul. Às vezes quando eu ou Temístocles não podemos, o Valdeci Lopes [de Araújo]¹⁴⁰ divide a direção do simpósio, mas esse simpósio vem sendo mantido há muito tempo. E ele foi fundamental para o crescimento e solidificação da área nos estudos de teoria e história da historiografia no Brasil. E a minha candidatura para a Anpuh surgiu daí. Ela não surgiu do nada como disseram na época. Eu tinha uma trajetória na Anpuh. Eu tinha uma trajetória de frequentar os simpósios, estar presente nas assembleias, ser um filiado há muito tempo da Anpuh. Fui filiado a um dos núcleos mais constantes da Anpuh que é o núcleo da Paraíba. O núcleo da Paraíba é um núcleo que tem uma história longa, que nunca fechou. Vários núcleos da Anpuh nascem, renascem e morrem. É quando Manoel estava saindo e me convida para ser presidente da Anpuh. E era muita responsabilidade porque eu ia ser o primeiro presidente da Anpuh fora do eixo Rio-São Paulo e eu não fui liberado pelo meu departamento de uma atividade sequer para ser presidente da Anpuh. O meu departamento deixou muito claro em reunião que eu não teria o alívio de uma hora sequer da carga horária para ser presidente da Anpuh. E eu tive que ser presidente da Anpuh, a Anpuh com sede em São Paulo e eu morando em Natal, no Rio Grande do Norte. E consegui graças a uma descoberta feliz que foi a descoberta do Pablo¹⁴¹ para ser secretário da Anpuh. Era uma gestão muito especial, porque era a gestão que prepararia o simpósio comemorativo dos 50 anos da Anpuh. Então, a gente preparou o simpósio na USP que comemoraria os 50 anos da Anpuh. A minha gestão teve que preparar isso, essa programação dos 50 anos. Inclusive, descobrindo que *em casa de ferreiro o espeto é de pau*, o arquivo da Anpuh estava completamente desorganizado. O

137 Atualmente professor no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

138 Francisco José Alves, historiador e professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

139 Atualmente professor no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

140 Atualmente professor no Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

141 Refere-se a Pablo Henrique Spíndola Torres, historiador e professor.

arquivo da Anpuh era um caos. E aí pedi a colaboração da professora Ana Maria Camargo¹⁴² que se disponibilizou, fez um projeto arquivístico para a Anpuh, e começou a organizar o arquivo.

[...] A minha gestão foi compartilhada, foi uma gestão, realmente, democrática com a participação de todo mundo. Então assim, o mérito não é só meu de jeito nenhum, o mérito é de todo mundo que participou daquela gestão. [...] Inclusive coincidiu na minha gestão o núcleo/Rio Grande do Sul entrar em contato com o senador Paulo Paim,¹⁴³ que elabora o projeto de regulamentação da profissão e eu começo a acompanhar esse processo. Levo, inclusive, para a assembleia geral a aprovação da regulamentação da profissão que nunca tinha sido votada. Nunca os historiadores tinham se manifestado oficialmente favoráveis à regulamentação da profissão. Então, eu levo isso para a Assembleia Geral e é aprovado por uma grande maioria. E aí começou a trajetória toda que veio acabar na gestão da professora Márcia Motta¹⁴⁴, onde houve a aprovação, finalmente, pelo Congresso [Nacional] da regulamentação da profissão.¹⁴⁵ Eu acompanhei a trajetória da aprovação no Senado, quando o projeto foi para a Câmara, terminou o meu mandato e aí o Benito¹⁴⁶ foi responsável por acompanhar, o Rodrigo Patto¹⁴⁷ também. E aí as gestões seguintes foram... a gestão da professora Maria Helena Capelato¹⁴⁸ e até a gestão da professora Joana Pedro¹⁴⁹ e Márcia Motta. Foram todas essas gestões para poder o projeto finalmente ser aprovado.

142 Ana Maria de Almeida Camargo, professora do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP).

143 Paulo Paim, político vinculado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e, atualmente, é senador pelo Rio Grande do Sul.

144 Márcia Maria Menendes Motta, professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e presidente da ANPUH na gestão 2019-2021.

145 A profissão foi regulamentada pela Lei nº 14.038 de 2020. Informações e texto da lei disponíveis em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/18/publicada-lei-que-regulamenta-a-profissao-de-historiador>. Acesso em 24 de jan. 2023.

146 Benito Bisso Schmidt, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e presidente da ANPUH na gestão 2011-2013.

147 Rodrigo Patto Sá Motta, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e presidente da ANPUH na gestão 2013-2015.

148 Maria Helena Rolim Capelato, professora do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) e presidente da ANPUH na gestão 2015-2017.

149 Joana Maria Pedro, professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e presidente da ANPUH na gestão 2017-2019.